UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ELIANE DE SOUZA ROCHA

Abuso sexual contra crianças e adolescentes – um crime silencioso

Boa Vista – RR
2004

ELIANE DE SOUZA ROCHA

Abuso sexual contra crianças e adolescentes – um crime silencioso

Monografia apresentada à Universidade Federal de Roraima, Departamento de Comunicação Social, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharelado em Comunicação Social.

Orientadora: Profª Maria Goretti Leite de Lima
Co-orientadora: Profª Ana Claudia do Carmo Uchoa

Boa Vista – RR
2004

ELIANE DE SOUZA ROCHA

Abuso sexual contra crianças e adolescentes – um crime silencioso

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social, como versão parcial, para a aquisição do grau de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Roraima, sob orientação da professora Maria Goretti Leite de Lima.

BANCA EXAMINADORA

1ª Examinador:

_____

Professora Maria Goretti Leite de Lima

(Orientadora)

2º Examinador:

_____

Professora Ana Claudia do Carmo Uchoa

(Co- Orientadora)

3º Examinador:

_____

Professora Ruti Rodrigues Albuquerque

(Membro)

Julgado (a) em: ____/____/_____

Nota: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, em especial a minha mãe pelo carinho constante e mesmo no seu silêncio sempre torceu por mim.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho sem o reconhecimento não tem valor nenhum, portanto quero agradecer a algumas pessoas que foram importantes na realização desta monografia, são elas:

À Maria do Socorro Batista, que foi uma das primeiras pessoas a acender a vontade de trabalhar um tema tão doloroso e cruel. À coordenadora municipal do projeto Sentinela, Rosylúcia de Alencar que sempre esteve disposta a me ajudar e a psicóloga Mércia Nereida Ayres, pelas informações. Às minhas orientadoras Goretti Leite e Ana Claudia Uchoa que, com suas experiências, me ajudaram na pesquisa.

Às amigas, Cacilda Fonseca pelo apoio e as horas dispensadas a este trabalho; Janine por ter participado desta conquista pessoal, me dando forças, muitas vezes em forma de carinho e outras com seu delicioso café com leite e pão; Luciana com seu gostoso “abraço de urso” me dando abrigo nos momentos de solidão. Sem esquecer da amiga “branca e meiga” Soninha que contribuiu neste trabalho com sua voz de Chapeuzinho Vermelho.

Aos professores do curso de Comunicação Social, em especial a professora Vângela Morais, com seu jeito meigo sempre dando uma palavra de conforto. A professora Maria Dantas pelas dicas que me deu na construção do trabalho em rádio. E por fim, aos amigos do curso que estiveram juntos nesta caminhada e também àqueles que encontrei pelo caminho. Ao Fernando Quintela, pelo incentivo que sempre nos deu, em todos os momentos que foi procurado, provando sempre que “*os amigos são como as estrelas, muitas vezes não as vemos mas sabemos que elas existem”.*

“Há uma linha tênue a separar o bem do mal, o certo do que é errado... o perigo reside em ultrapassarmos esses limites nem sempre tão bem delineados...”

Vânia Azevedo Goldeberg

Resumo

Por Abuso entende-se que é tudo aquilo que contraria as normas e o bom costume e que tem como efeito a violação. Esse ato ou efeito de violar pode ser feito com o uso da força ou sem a presença dela. Dentro desse contexto está o abuso sexual contra crianças e adolescentes.

É um crime que tem como alvo o corpo infanto-juvenil, não importando o sexo, o que está em jogo é a satisfação do abusador. A vítima por sua vez é refém do prazer que ela não consentiu, mas foi coagida, seduzida a praticar.

Essa ação criminosa pode está nas ruas e também dentro das casas, no refúgio familiar, o lugar onde deveria ser mais seguro para a criança.

Este trabalho será nos sentido de esclarecer o que é o abuso sexual, suas diversas maneiras e quais as conseqüências que causam para a criança e o adolescente. Saber porque está cada vez mais presente dentro das famílias e conhecer quem são as vítimas. E como produto final foi produzida uma história infantil para abordar a situação do abuso sexual.

Palavras chave: abuso sexual, criança, adolescente, medo, silêncio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

1 ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....11

1.1 Município de Boa Vista.....11
1.2 Conceito e definição de abuso Sexual.....16
1.3 Conceituação jurídica de abuso Sexual.....18
1.4 Tipos de abuso.....19
1.5 Sexualidade infanto-juvenil.....22

2 VIOLÊNCIA SEXUAL DOMÉSTICA.....24

2.1 O incesto.....24
2.2 Disfuncionalidade familiar que favorece o incesto.....27
2.3 Pacto do silêncio no incesto.....28
2.4 Conseqüências do abuso sexual.....31
2.5 Perfil do abusador e vínculo com a vítima de abuso sexual.....33
2.6 Perfil das vítimas de abuso sexual.....37

3 USO DO RÁDIO NA PESQUISA.....39

3.1 Rádio.....39
3.1.1 Características.....40
3.2 Vantagens e desvantagens do Rádio.....41
3.3 Rádio: a escolha do veículo como instrumento de disseminação da pesquisa...42
3.4 Roteiro do programa.....44

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....50

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....52

ANEXOS.....57

Anexo 1 – Notícias do jornal Folha de Boa Vista.....57
Anexo 2 – Instituições visitadas para coletas de dados.....59
Anexo 3 – Gráficos do Conselho Tutelar.....61
Anexo 4 – Gráficos do Sentinela.....63
Anexo 5 – Mitos e fatos sobre vitimização sexual.....65
Anexo 6 – Roteiro do programa *Comunicação no Ar*.....70

INTRODUÇÃO

A esta hora, exatamente, uma, duas, três, muitas crianças estão sendo vítimas de violência em seus lares nesta cidade.

M. A. Azevedo

Certo dia ouvi essa mensagem e ela ficou soando em meus ouvidos. Então eu perguntei para mim mesmo, que violência é essa que está dentro de casa, que se alimenta do medo das vítimas de denunciar e tem como cúmplice a própria família?

Para responder esta pergunta comecei a pesquisar sobre qual tipo de violência se esconde dentro dos lares, sem deixar marcas e tem como alvo crianças e adolescentes. Foi então que cheguei à denominação de abuso sexual.

Este trabalho surgiu com a finalidade de conceituar o que é o abuso sexual, suas diversas maneiras e entender porque esse crime fica oculto dentro das famílias, tácito no olhar de cada criança que sofre todos os dias esse tipo de violência.

Para falar dessa problemática era necessário também os dados – que infelizmente ainda estão longe de ser reais – para saber quem são e qual a idade das vítimas que estão sob a mira da violência sexual. Por fim, criei um programa de rádio de seis minutos, com o objetivo de alertar tanto as crianças e os adolescentes, como a comunidade em geral, a detectar os sinais de perigo no comportamento do abusador e, a partir dessa percepção, defender-se dos supostos agressores sexuais.

ABUSO SEXUAL CONTRA A CRIANÇA E O ADOLESCENTE

1.1 – Município de Boa Vista

Boa Vista, capital do Estado de Roraima, possui uma população de 200.568 habitantes[1], com estações climáticas que variam entre períodos de chuva e verão.

Na década de 80 a cidade sofreu grande aumento populacional, decorrentes da exploração garimpeira, conhecida como a "corrida do ouro". Além da garimpagem, houve um desequilíbrio populacional em função da abertura de novas estradas e a vinda de migrantes, principalmente do nordeste, em busca de uma vida melhor.

Pesquisa do IBGE, datada de 1999, mostra que a população da capital triplicou em pouco mais de uma década. Pelos dados de 1980, o total de habitantes era de 48.734. Em 1991, este número chegou a 174.277. O crescimento desordenado resultou no surgimento de novos bairros, sem a infra-estrutura que pudesse suprir as necessidades básicas dos moradores, como água e luz. A rede de esgoto sanitário, por exemplo, só cobre a região central da cidade. Nos demais bairros, principalmente da zona oeste[2], onde moram 73% da população, não existem quaisquer serviços de saneamento.

> A maioria utiliza o sistema de fossa séptica (25,5%) e fossa rudimentar (47,01%), perfazendo um total de 72,51% que utilizam de fossas (sépticas ou rudimentares)[3].

---

[1] Fonte – Censo Populacional IBGE/2000

[2] Zona oeste compreende os bairros Asa branca, Alvorada, Aracelis Souto Maior, Bela Vista, Buritis, Caimbé, Cambará, Caranã, Cauamé, Centenário, Cinturão Verde, Equatorial, Hélio Campos, Jardim Caranã, Jardim Primavera, Jardim Floresta, Jardim Tropical, Jóquei Club, Liberdade, Mecejana, Nova Canaã, Nova Cidade, Operário, Pintolândia, Psicultura, Pricumã, Raiar do Sol, Sílvio Botelho, Sílvio Leite, Santa Luzia, Santa Tereza, Tacredo Neves, Bairro União.

[3] FREITAS, Aimberê. Geografia e História de Roraima, 2000, p. 60.

Do total de habitantes residentes na zona oeste, a maioria é formada por pessoas vindas do nordeste, com mão-de-obra desqualificada que chega em Boa Vista em busca de novas perspectivas de trabalho. Tal situação tem contribuído significativamente para o aumento dos problemas sociais na região.

A cidade não possui setores produtivos satisfatórios para atender a grande demanda. A principal fonte de renda é o setor público que representa 50,33% da população; destes apenas 29,84% possuem carteira assinada. Isso ocorre porque não há indústrias, fábricas ou mesmo um grande comércio que possa suprir a necessidade de emprego que existe. O mercado local caracteriza-se por pequenos comércios gerenciados pela própria família.

Como se não bastasse todos esses dramas vividos pela população, a taxa de desemprego tem crescido consideravelmente em função dos concursos públicos realizados ultimamente. Só no governo cerca de 25 mil pessoas serão demitidas. Outro fato que reflete de forma negativa é a demarcação indígena que abrange 70% do Estado. Se acontecer, grande parte das pessoas que moram no interior virão para cidade e se amontoarão na periferia.

Segundo a PNDA/2002[4] (Pesquisa Nacional por amostra de Domicílio), em Roraima existe uma população de 199.784 pessoas acima de 10 anos, sendo que apenas 104.950 são economicamente ativas. E com rendimentos de até meio salário mínimo estão 98.990 no mercado de trabalho, destes 63% tinham uma renda inferior a dois salários mínimos. A mesma pesquisa aponta que 39 bairros da cidade possuem 39% de famílias vivendo na linha de indigência e pobreza.

[4] Ver Projeto Sentinela – Centro de Referência às vítimas de violência, com ênfase nas situações de abuso e exploração sexual – Boa Vista, 2004.

Pesquisa realizada em 2000 mostra Boa Vista como campeã brasileira nas causas de morte gerada pela violência. Neste grupo estão os jovens de 15 a 25 anos. Os dados comprovam que a falta de perspectiva para a juventude é a principal causa da violência. Estes jovens representam 46% da população que vive em total ociosidade, fator que tem contribuído para os grandes problemas sociais que a cidade enfrenta como a formação de galeras (gangues), uso de drogas, alcoolismo, prostituição, roubos e outros.

Não fosse as infrações cometidas por esses jovens, ainda temos a violência da qual eles são reféns. O abandono, a negligência, as violências psicológica, doméstica, e a mais cruel de todas: o abuso sexual, que reúne todos esses tipos de violência e norteia-se pelos falsos paradigmas – como tabus preconceitos e discriminação – criados pela nossa sociedade que ainda não vê a criança e o adolescente como sujeito.

Neste contexto encontra-se nosso objeto de estudo que é referendado a partir da notícia publicada no jornal *Folha de Boa Vista*, dos dias 8 e 9 de maio, na editoria de Polícia, sobre o caso de uma criança de 11 anos, moradora do bairro Araceli Souto Maior, vítima de violência sexual. O fato gerou a morte do pai da menina, pelo agressor sexual.

O relatório que faremos é uma reconstrução feita a partir dos dados contidos nas fontes originais do programa Sentinela (Centro de Referência às vítimas de abuso e exploração sexual), e conversas informais feita com a mãe da menina e a psicóloga Mércia Nereida Ayres – que faz o atendimento da vítima.

Usaremos no relato, nomes fictícios para preservar a família.

Nome: Luisa

Idade: onze anos

Qualificação: Vítima

No dia 6 de maio de 2004, o pai de Luisa chegou em casa alcoolizado, acompanhado de um amigo da família, acordou a filha e pediu que ela o acompanhasse, dizendo que deveria ajudar a mãe na olaria. Ao saírem de bicicleta, o pai parou em um bar com o amigo para beber novamente, enquanto Luisa ficou aguardando. Após algum tempo, o pai muda de idéia e resolve levar a filha de volta para casa. O amigo que os acompanhava se ofereceu para levá-la, mas o pai não permitiu, dizendo que ele mesmo a levaria. Saindo do bar pediu que o amigo esperasse por ele, pois logo retornaria.

No caminho para casa, o pai pára em um terreno baldio. Sem explicar, mandou a filha tirar a roupa e se deitar no chão. Luisa hesitou, mas o pai com ar severo ordenou que ela o obedecesse. Com muito medo, pois segundo a vítima relatou, o pai ficava violento quando estava bêbado, obedeceu. Em seguida o pai tirou sua calcinha e tentou estuprá-la. O amigo, no entanto, os havia seguido desde o bar. Escondido, percebeu a cena de violência sexual prestes a acontecer. Saiu de onde estava e desferiu uma paulada na cabeça do pai da menina, que caiu sobre ela com o impacto do golpe.

Luisa apavorada com a cena que acabara de ocorrer ficou aos prantos de choro. O amigo disse a ela que o pai só estava desmaiado, e mandou-a sair debaixo dele, pois a levaria para casa. Ao sair, Luisa foi violentada por ele, pela primeira vez, ali mesmo, junto ao cadáver do pai. Em seguida, sob ameaças, o agressor arrastou-a para o mato e estuprou-a mais duas vezes. Depois, deu-lhe uma camisa que ele mesmo usava, e a levou para casa, dizendo que retornaria para ver se seu pai havia “acordado”. Ao deixá-la em casa o agressor fez ameaças, dizendo que ela não contasse a ninguém sobre o estupro sofrido e o que havia ocorrido com o pai.

No dia seguinte, a família apavorada com o desaparecimento do pai, começa a procurá-lo por toda parte. Luísa ainda coagida, guarda em silêncio todo o terror vivido na noite anterior. Somente no final da tarde, quando presencia a mãe desesperada com desaparecimento do marido, resolve revelar o acontecido.

No caso relatado, encontramos uma vítima que sofre dois traumas de uma só vez. Primeiro assistir o assassinato do pai, e quase agressor sexual, depois ser violentada pelo assassino do seu genitor, por três vezes na mesma noite. Como se não bastasse a vítima ainda sofre a coação por parte do assassino que a obriga a ficar calada.

Em conversas com a mãe de Luisa, ela diz que o assassino e agressor sexual era amigo da família e que freqüentava a casa há muitos anos. A mãe revela também que, após o ocorrido, a filha disse que já havia mantido relações com o agressor e que ele mesmo tinha tirado sua virgindade.

Nesse caso observamos que já havia um abuso sexual por parte do agressor e que a revelação só aconteceu com a morte trágica do pai da vítima. As marcas da violência não podiam mais ser escondidas, estavam lá expostas no corpo de Luisa.

Mas o que dizer do abuso sexual – que também é uma forma de violência –, a qual Luisa e muitos adolescentes sofrem todos os dias. Que se perpetua e se esconde dentro dos lares, na cumplicidade das famílias e no **pacto de silêncio**[5] que se estabelece entre a vítima e o agressor. É o jogo de poder do forte contra o pequeno, e que muitas vezes, não deixa marcas porque é lento e sucessivo. Como fazer para impedir que crianças e adolescentes sejam abusadas sexualmente, se nem mesmo sabemos o que é o abuso sexual e suas conseqüências?

---

[5] Grifo da autora

Dentro dessa reflexão, nosso trabalho faz um estudo sobre o que é o abuso sexual e suas diversas maneiras.

1.2 – Conceito e definição de abuso sexual

O estudo realizado inicia com o conceito do que seja abuso sexual. Segundo o novo dicionário da língua Portuguesa, Aurélio[6], diz que a palavra abuso, originada do latim "A*busu"*, significa "ultraje ao pudor; violação". Já o termo sexual refere-se ao "sexo"*.* Dentro dessa linguagem, conceituamos abuso sexual como a violação do sexo.

A situação de abuso sexual, ao contrário do que se pensa, é bastante comum em todos os países. Pesquisas[7] mostram que, nos Estados Unidos 20% das meninas e 9% dos meninos são sexualmente abusados antes de completar 12 anos. E o pior, na maioria dos casos, o abusador é uma pessoa que a criança conhece, confia e tem algum afeto. Pode ocorre de diversas maneiras, com o uso da força e, na maioria dos casos, sem a presença de violência.

O agressor tem várias faces, pode ser um membro da família ou responsável pela criança que usa da situação de dependência afetiva e/ou econômica, para usá-la em troca de sua satisfação sexual. O abuso sexual é, portanto:

> Toda situação em que uma criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de um adulto ou adolescente mais velho, baseado em uma relação de poder. Inclui manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, "voyerismo", pornografia e exibicionismo e o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem violência. (Abrápia,1997, p. 10)

---

[6] HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário Aurélio, século XXI, versão 3, Editora Nova fronteira.
[7] Ver Relatório Abrápia – Associação Brasileira Multiprofissional de proteção à infância e adolescência – Maus tratos contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção: guia de orientação para profissionais de saúde. Petrópolis, RJ, 1997, p.21.

As pesquisadoras Azevedo e Guerra (1999), pertencentes ao Laboratório de Estudo da Criança – LACRI, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), apontam, em seu relatório sobre Infância e Violência Doméstica, denominado "***O Castigo dos Cacos Quebrados"***, a definição desse tipo de violência como abuso-vitimização sexual[8], que é, segundo o estudo:

> Todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança menor de 18 anos, tendo como finalidade estimular sexualmente a criança ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa.

Observamos que a vítima é usada como objeto de prazer da outra pessoa, e esta usa do poder de adulto para violar a inocência da criança, que perde nesse momento, o direito ao uso de seu corpo. Quebra-se então, a confiança que a criança tem no adulto, seu único referencial.

As autoras afirmam que, nesses casos, quando há o prazer direto e indireto do adulto, conseguido pela coerção ou sedução, a criança é sempre vítima e não poderá nunca ser transformada em ré.

Nessa situação de vitimização, Gabel[9], citado por Braun (2002), acrescenta que

> O abuso sexual supõe uma disfunção/desordenação em três níveis:
>
> a) abuso de poder exercido pelo grande (forte/adulto) sobre o equeno (fraco/criança);
>
> b) não correspondência da confiança que o pequeno (dependente/criança) deposita no grande (protetor/adulto);
>
> c) o uso inadequado da sexualidade, ou seja, o atentado ao direito que todo o indivíduo tem de propriedade sobre seu corpo.

---

[8] Ver Azevedo, M. A & Guerra V.N.A. Pele de Asno não é só História – um estudo Sobre a Vitimização Sexual de Crianças e Adolescentes em Família. São Paulo, 1988, p. 12.

[9] GABEL, M. (org). Crianças vítimas de abuso sexual. São Paulo: Summu, 1997, p. 27.

Essas situações de violências são extremamente marcantes para a vítima, que sem ter forças para reagir à coação feita pelo adulto, sentem-se traídas, mas nada podem fazer, porque são vulneráveis e submissas ao poder do adulto.

1.3 – Conceituação jurídica de abuso sexual

De acordo com estudos do Unicef[10], as pesquisas analisadas abordam a questão do abuso sexual de forma indireta, tanto na conceituação como na análise de dados. Diante disso fizemos questão de referir os crimes de abuso sexual de acordo com a lei, para melhor entendimento.

O Código Penal Brasileiro, de 1940, no seu título VI, classifica os crimes de abuso sexual nos capítulos I e II da seguinte maneira:

No seu capítulo I – CRIMES CONTRA OS COSTUMES A LIBERDADE SEXUAL como:

Estupro – segundo a definição, dá-se no constrangimento da mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça – **Art. 213.**

Atentado violento ao pudor – constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal – **Art. 214.**

Posse sexual mediante fraude – ter conjunção carnal com mulher honesta, mediante fraude – **Art. 215.**

Atentado ao pudor mediante fraude – induzir mulher honesta, mediante fraude, a praticar ou permitir que com ela se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal – **Art. 216.**

---

[10] Unicef. Situação do abuso Sexual e da Prostituição Infanto-juvenil no Brasil, 1996, p. 6 e 7.

Já no capítulo II, do mesmo diploma legal, denominado DA SEDUÇÃO E DA CORRUPÇÃO DE MENORES, define:

Sedução – seduzir mulher virgem, menor de 18 (dezoito) anos e maior de 14 (quatorze), e ter com ela conjunção carnal, aproveitando-se de sua inexperiência ou justificável confiança – **Art. 217.**

Corrupção de menores – corromper ou facilitar a corrupção de pessoas maior de 14 (quatorze) e menor de 18 (dezoito) anos, com ela praticando ato de libidinagem, ou induzindo-a a praticá-lo ou presenciá-lo – **Art. 218.**

1.4 – Tipos de abuso

Violência Intrafamiliar: É a violência ocorrida no meio familiar, considerada incestuosa. O violador pertence ao grupo familiar (pai, mãe, irmãos, padrasto, madrasta, cunhado, pais adotivos e famílias substitutas).

Violência Extrafamiliar: Essa violência é praticada por pessoas que não tenham laços de família com a vítima. Pode ser gerada por conhecidos (amigos, vizinhos, professores, religiosos, namorados) ou desconhecidos da vítima.

De acordo com Azevedo & Guerra (1999), essa prática erótica e sexual, imposta à criança ou ao adolescente, pode ser expressa de várias formas, por meio de contato físico ou sem o contato físico.

Durante o Fórum sobre Protagonismo Juvenil na luta contra o abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, realizado no Palácio da Cultura, nos dias 17 e 18 de maio de 2004, em Boa Vista – RR, em que a pesquisadora participou como observadora, a palestrante Cleidionice Gonçalves Ferreira classificou o abuso sexual por contato físico e sem o contato físico.

Fazendo uma pesquisa sobre esses dois tipos de abuso sexual, verificamos que o abuso **sem contato físico** consiste no tipo de violência sexual em que a

criança ou o adolescente tem sua sexualidade invadida por estímulos sem que haja contato físico. Dentro desse tipo de abuso classificamos:

Abuso sexual verbal: conversas sobre atividades sexuais, que tenham a finalidade de despertar o interesse sexual da criança ou do adolescente;

Telefonemas obscenos: costumam ser feitos por pessoas que queiram gerar ansiedade na criança ou adolescente e na família;

Exibicionismo: é a mania de exibir as partes sexuais para chocar a vítima;

Voyeurismo: o abusador obtém prazer em observar os órgãos sexuais da vítima.

De outra maneira temos o abuso sexual **com contato físico**, sendo que este invade o corpo da criança ou adolescente, penetrando sua intimidade e seu autodomínio. Essa agressão ao corpo juvenil provoca uma vivência que ela não estava preparada, levando-se em conta que a sua sexualidade não estão a serviços dos seus desejos e auto-realização, mas servem como objetos de dominação e prazer da outra pessoa – o agressor. Assim classificamos:

Estupro: atos físicos sexuais com penetração vaginal, anal ou oral.

Sadismo: abuso sexual com violência, torturas e surras.

Incesto: qualquer relação ou prática sexual que envolva pessoas com algum grau de parentesco.

Acrescentaríamos ainda que incesto é:

> Toda atividade de caráter sexual, implicando uma criança de 0 a 18 anos e um adulto que tenha para com ela seja uma relação de consangüinidade seja de afinidade ou de mera responsabilidade. (Azevedo e Guerra, 1999, p. 8).

Portanto, caracteriza-se como relação incestuosa às praticadas entre pessoas que a lei e/ou os costumes proíbem de casar-se.

Prostituição infantil: nesse caso ocorre a venda do corpo infanto/juvenil, numa rede de comércio de pornografias sexuais. Esse tipo de abuso a criança ou adolescente é usado para participar de atos sexuais com adultos ou outros menores. Pode não haver a força física, mas outro tipo de força como a coação. Constata-se atualmente o envolvimento de crianças de até 3 anos de idade. Também tem-se registros de pais, que vivem em situação de extrema miséria, venderem os próprios filhos.

Pornografia: Essa forma de abuso tem como objetivo o lucro financeiro. Crianças e adolescentes de 3 a 17 anos são utilizados no papel de atores/atrizes ou modelos em vídeo, fotografias, gravações ou filmes obscenos. Esse tipo de comércio tem como apreciador os pedófilos, que compram fitas e filmes para realizar suas fantasias sexuais.

Atentado violento ao pudor: É, segundo o art. 214 do Código Penal Brasileiro, constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar atos libidinosos, sem penetração vaginal, sendo que em crianças e adolescentes de até 14 anos, a violência é presumida em estupro.

Esse artigo aplica-se também aos casos de violência sexual contra meninos. Nossa lei, infelizmente, não reconhece o estupro como violência contra pessoas do sexo masculino.

1.5 – Sexualidade infanto-juvenil

Para entendermos melhor o contexto da problemática sobre abuso sexual, fizemos um esboço do que representa a sexualidade para a criança[11] e o adolescente[12].

Os jovens possuem grandes curiosidades sexuais, que são vivenciadas através de brincadeiras de casinha, de médico, de enfermeira e paciente, entre outras brincadeiras infantis. Nesse entretenimento, é comum a exploração do corpo e a manipulação dos genitais. Essas atitudes são consideradas normais e necessárias ao bom desenvolvimento da sexualidade infantil.

Também é normal que meninos, a partir dos seis anos de idade, comecem a se auto-estimular. Essa prática costuma ser feita em grupos, a fim de brincarem com os seus genitais. Quanto às meninas, estas também tendem a se auto-estimular, mas o fazem de forma isolada. (TXAI, 2004 p. 21)

Para Freud[13], a sexualidade passa por várias etapas de desenvolvimento, por ele classificadas nas seguintes fases: oral, anal, fálica, latência e genital.

Fase oral: a criança tem até 1 ano aproximadamente. Neste período, a região do corpo que proporciona maior prazer à criança é a boca, para onde o bebê tende a levar tudo o que pega. Nessa fase, o principal objeto de desejo é o seio da mãe que, além de alimentá-lo, proporciona maior satisfação.

Fase anal: essa fase vai dos 2 aos 4 anos aproximadamente. A criança passa a adquirir o controle dos esfíncteres. A zona de maior satisfação é a região do ânus. A criança descobre que pode controlar as fezes que saem do seu interior,

---

[11] Considera-se criança a pessoa com até doze anos de idade incompletos (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, 2000, pág. 09).
[12] Considera-se adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos de idade (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, 2000, pág. 09).
[13] Ver Direitos Sexuais da Criança e do Adolescente – Uma Visão Interdisciplinar para o Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. Txai Movimento República de Emaús Marcel Hazel., 2004

oferecendo à mãe ora como presente, ora como algo agressivo. É nesta etapa que a criança começa a ter noção de higiene.

Fase fálica: compreende entre os 4 aos 6 anos aproximadamente. Nesta etapa do desenvolvimento, a atenção da criança volta-se para região genital. Ao serem defrontadas com as diferenças anatômicas entre meninos e meninas, as crianças criam as chamadas “teorias sexuais infantis”.

Fase de latência: nesse período, de 6 a 11 anos aproximadamente, há um deslocamento da libido da sexualidade para atividades sociais, escolares e de lazer, nas quais a criança passa a gastar sua energia.

Fase genital: começa por volta dos 11 anos, na adolescência. Este período é marcado por uma retomada dos impulsos sexuais em que o adolescente passa a buscar, nas pessoas fora do seu grupo familiar, um objeto de amor.

Lendo alguns estudos, percebi que conhecer essas etapas ajudam a evitar equívocos referentes à sexualidade das crianças e adolescentes, evitando-se, assim, reprimi-las, e enfrentando a invasão por parte dos adultos.

Neste capítulo enfocamos a nossa problemática local, com análise sobre o conceito, definição e as diversas maneiras do abuso sexual. A seguir, trataremos da violência sexual doméstica – o incesto.

VIOLÊNCIA SEXUAL DOMÉSTICA

2.1 – O incesto

Como mostramos no capítulo anterior, o abuso sexual se dá de diversas maneiras. Mas é o incesto, tanto por sua complexidade quanto pelo fato de ocorrer dentro da família[14], o que mais salta aos olhos e causa repugnância.

Azevedo e Guerra (1999), quando tratam do assunto, são bastante incisivas em dizer que "*a violência sexual doméstica contra crianças e adolescentes é um problema familiar".*

Não encontramos registros do primeiro caso de incesto no Brasil. O que temos é uma referência de LUNA, F. V e Costa, I. D., citado por Azevedo e Guerra (1999), de um fato ocorrido em 1738, que foi denunciado ao bispo, em uma freguesia de Minas Gerais. O incesto foi cometido por um cidadão que teve filhos de sua mulher e da enteada. O caso tornou-se público e todos dele sabiam.

Nesse registro vimos que o incesto é praticado há anos, e que muitas vezes é camuflado pelas famílias. Estas, para não terem seus problemas expostos, ignoram o caso e fazem de conta que nada aconteceu.

O incesto nunca foi visto, dentro da nossa sociedade, como prática legal. É o que coloca ARAÚJO[15] (Ibid, p.9), quando diz que, desde os tempos da colônia, tal prática era considerada como crime abominável por Deus e pelos homens, visto que por ele se tira a confiança que deve haver entre os parentes.

É da natureza das pessoas sentir atração umas pelas outras. Isso pode ocorrer também dentro de casa, com quem temos laços emocionais estreitos. Mas a

---

[14] Dá-se o nome de família a um grupo caracterizado pela residência em comum e pelo convívio de pais e filhos, isolados dos demais parentes.

[15] Araújo, E. (1993). O Teatro dos vícios/ Transgressão e Transigência na sociedade urbana colonial. Rio de Janeiro: José Olympio.

nossa sociedade estipula muitas proibições sociais, essenciais para nossa convivência. O tabu do incesto é uma delas.

Entre os desejos do adulto e da criança, existe uma diferença muito grande, que se faz necessário compreender. É o que coloca Rachel Gutierrez, ao dizer que:

> Os desejos incestuosos existem em todos nós, só que acionamos uma série de mecanismos inconscientes para negá-los. Na primeira infância, nossa sexualidade não está focalizada em nossos órgãos genitais ou nas zonas erógenas; ela está espalhada por todo nosso corpo. Para um bebê, sensualidade e sexualidade são a mesma coisa. Toda sensação é nova e emocionante, seja tocar um rosto ou ser coçado na barriga ... (Rachel Gutierrez apud Azevedo e Guerra, 1999, p.5).

Dentro dessa discussão, entendemos que a sexualidade infantil não permite intervenção por parte da sexualidade de adultos, pois a intenção deste não corresponde com a vivência da sexualidade infanto-juvenil. Portanto, a criança não está preparada para atos de sexualidade pela falta de informação adequada à idade. Isso porque sua sexualidade ainda não se concentra na área genital, como vimos antes. E, mesmo que o agressor (abusador) comunique os atos da prática sexual, a criança não tem amadurecimento biológico (emocional, social, cognitivo) para assimilar este tipo de mensagem.

Vários estudiosos discorrem sobre o tema do incesto. Para Cohen (1993), por exemplo, existem várias formas de percebê-lo: a nuclear (pais, filhos, irmãos, padrasto, enteados, avós e netos); o incesto entre consangüíneos menos grave, cometido entre parentes: tios-sobrinhos, primos, cunhados; e o paraincesto: este ocorre entre pessoas que poderiam ser consideradas parentes, ou seja, o amante da mãe com a filha daquela, ou entre filhos que moram juntos, mas de pais diferentes.

As irmãs Azevedo e Guerra (1999), mostram como a literatura nacional e internacional indicam o perfil para o fenômeno do incesto:

Quanto à natureza: esse fenômeno ocorre num certo tipo de família: as incestogênicas[16] com as seguintes características:

1. o afeto (de alguns membros da família) é dado de forma erotizada;

2. a comunicação não é aberta, permitindo que haja um pacto de silêncio, no qual a criança/vítima se cala, enquanto os outros membros da família evitam enxergar a realidade;

3. há um respeito indiscutível à autoridade do pai, existe uma obediência necessária dos filhos, e a discriminação da mulher-criança como objeto sexual do poder masculino;

4. Trata-se de uma família na qual faltam limites claros dos papéis de cada um, principalmente no que decorre de sua estrutura e funcionamento básico.

A família incestogênica se perpetua – muitas vezes imune e intacta a intervenções externas – porque, antes de ser considerada abusiva, costuma ser vista como doce lar, ou seja, como um bom meio natural para crianças e adolescentes. O mito da família faz com que esta se apresente à criança como um refúgio sagrado de que não se deve nem se pode escapar.

Quanto à direção: Os abusadores ou agressores – são preferencialmente homens - escolhem suas vítimas que, na sua grande maioria, são do sexo feminino e estão na idade de 8 a 12 anos. Não se podem ignorar os casos com vítimas do sexo masculino, embora apresentem pequeno número. O tipo mais freqüente é o

[16] Segundo Azevedo & Guerra (1999) família incestogênica é aquela na qual as interações entre seus membros – através de mensagens verbais e não-verbais implícitas ou explícitas – são manipuladoras da criança ou adolescente vítima, forçando-a a uma transação interdita culturalmente: o incesto.

incesto pai-filha, conhecido como ordinário. O estudo aponta alguns casos, em que o agressor sofre de distúrbios psiquiátricos.

Quanto às conseqüências: São muito graves para a vítima, tanto a curto, como a longo prazo, podendo chegar à gravidez precoce e até mesmo ao suicídio.

Quanto à visibilidade: Índice muito baixo de notificação.

2.2 – Disfuncionalidade familiar que favorece o incesto

Segundo o dicionário de Ciências Sociais (1986), a família, através dos tempos, parece ter desempenhado diversas funções, ora perdendo algumas, ora acrescendo outras. Destas, as mais importantes e permanentes parecem ser a reprodução da espécie, a criação e a socialização dos filhos.

Dentro da nossa sociedade, a família apresenta suas regras. Estas delimitam e definem o papel de cada um, sendo conjugal, parental, fraterno ou dos irmãos, dos avós, tios e assim por diante. Esses limites ou fronteiras devem ser claros, para que cada um saiba qual a sua função dentro da família, não interferindo indevidamente no papel do outro e tendo flexibilidade, paralelamente, para permitir o contato entre esses membros. Quando tais fronteiras de papéis não são respeitadas, a família perde sua função.

> Família disfuncional é aquela que não consegue cumprir o papel de proteção, aconchego e educação dos seus filhos. Ao contrário, são elementos que colocam em risco a vida e a saúde emocional dos filhos. (Santos et al., apud Braun, p. 43).

Quando acontece o incesto, a família quebra a função de protetora para criança e passa a ser uma ameaça constante. A criança fica confusa ao ver que o mesmo pai que a protege é também o mesmo que comete o abuso. Nessa relação,

onde os papéis não estão claros, a criança/vítima se sente desprotegida, pois seus pais - elo mais forte - não a estão protegendo como deveriam.

A família disfuncional e incestuosa tem como característica o abuso pai-filha, onde o pai-abusador é a autoridade máxima da família, que exige respeito e obediência. Farinatti et al (1993), citado por Braun (2002), diz que geralmente esse pai enfrenta problemas na área da sexualidade, podendo ainda, apresentar comportamento exibicionista e abuso de álcool e/ou drogas. Também existem casos recorrentes do estresse ou quando as condições familiares tornam-se desfavoráveis. Esses fatores contribuem para a prática do incesto.

O mesmo autor nota que, dentro desse comportamento do pai, a mãe geralmente mostra-se passiva e com baixa auto-estima, embora possa adotar uma postura superprotetora. Por outro lado, a criança vitimizada costuma ser passiva, dependente, podendo apresentar-se extremamente revoltada, agressiva e promíscua na adolescência.

A criança pode sentir o abuso como se fosse uma expressão de afeto. Com a revelação do ato, porém, vem a culpa que ela passa a sentir, porque pensa ter destruído a família.

2.3 – Pacto do silêncio no incesto

> A criança percebe que o adulto está sendo abusivo. Sente raiva, mas nada pode fazer a não ser submeter-se. Tal submissão forçada gera, por sua vez, sentimentos de vergonha, humilhação e inferioridade, mantendo-se, assim, o segredo.(Cukier apud Braun, 2002, p. 41).

São vários os fatores que contribuem para a permanência do pacto de silêncio. Os mais freqüentes estão relacionados à dependência econômica da vítima em relação ao abusador sexual; a vergonha social; a responsabilidade pela

manutenção da união familiar; a ameaça e a violência física; os subornos e as promessas que o agressor faz à vítima.

A violência pode durar anos, sem ser descoberta. Quando o abusador é o pai, a mãe, muitas vezes, mesmo sabendo da situação, não toma nenhuma atitude, não só por medo da reação do agressor, mas pelo fato de que a revelação possa desestruturar a aparente tranqüilidade familiar, ou seja, significaria perder os recursos necessários à manutenção da família.

Sozinhas, as crianças guardam consigo o segredo; junto com ele, os sentimentos de vergonha, humilhação e inferioridade. Apesar de estarem sendo abusadas dentro de casa, a cumplicidade ou o desconhecimento da família no incesto impede que a criança se livre do abusador.

> Sem compreender inteiramente a própria sexualidade, incapaz de identificar o limite entre o carinho e a agressão, envergonhada por estar envolvida naquela situação, a criança pode levar meses, ou mesmo anos, para revelar o fato. Dificilmente o faz antes de alcançar a adolescência. (ANDI, 2003, p. 52).

É comum que as vítimas nunca cheguem a revelar o abuso. Quando isso ocorre, geralmente a comunicação foi feita por vizinhos, professores ou outra pessoa fora do núcleo familiar.

E quando tentam levar o fato ao conhecimento de outros adultos, a criança ou adolescente são desacreditados e passam a sofrer ameaças por parte do abusador. Estas podem incluir violência psicológica ou mesmo a violência física.

> A criança não denuncia e, se o faz, é só uma vez. Ao não ser escutada ou apoiada, ela renuncia e mantém a situação em segredo...há na família um saber inconsciente do abuso... Pecis apud Braun, 2002 p. 43).

Nos estudos de Azevedo & Guerra (1988) a respeito do assunto, elas descrevem como a conspiração do silêncio ocorre:

1. O descrédito em relação à vítima, afirmando que ela fantasiou ou inventou a experiência;

2. O crime é ignorado, e se esconde atrás do discurso implícito de que não houve nenhum prejuízo e que é melhor esquecer;

3. A vítima pode ser responsabilizada pelo crime, como se ela tivesse pedindo para que isso ocorresse.

As mesmas autoras argumentam que esse tipo de violência provoca a violência tóxica, que gera o sentimento de ser falho, diminuído e de nunca corresponder à expectativa. Além da culpa – esta pode ser reparada – que as persegue, elas ainda sentem vergonha, da qual jamais conseguem se livrar. O sentimento da vergonha tóxica é o centro principal da criança ferida (Ibid, p.12).

A culpa passa a ser companheira constante das vítimas, que, por não terem com quem dividir o “segredo”, acabam acumulando sentimentos negativos e se tornando pessoas auto-destrutivas – é comum nesses casos a tendência ao suicídio. Tudo porque elas se punem pelo “pecado” que imaginam ter cometido. Nutrem, ainda, sentimentos de serem traídas, uma vez que sua primeira experiência de confiança foi um fracasso tão doloroso que elas não conseguem mais confiar em ninguém.

O segredo, como mostra Albuquerque[17], citado por Braun (2002), implica em três elementos:

> o **detentor** do segredo, o **destinatário** (pessoa ou conjunto de pessoas de quem o segredo é escondido) e o **depositário** (pessoa ou grupo de pessoas a quem o segredo é confiado).

[17] Albuquerque, A.C.D.N.F. A gênese da noção de segredo na criança. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.12,n.3, set/dez., 1996, p.245-51

A mesma autora diz que a criança, desde os quatro anos, já possui uma noção de segredo, e que esta compreende que o segredo as separa de algumas pessoas (destinatários) e a aproxima de outras (depositários). Porém, a confidência propriamente dita só se faz presente a partir dos oito anos de idade.

2.4 – Conseqüências do abuso sexual

O relatório da Abrapia (2000), menciona que as crianças ou adolescentes que foram sexualmente abusados pelo pai, tio, irmão, avô ou algum outro amigo ou conhecido de confiança da família poderão ter uma visão muito diferente do mundo e dos relacionamentos interpessoais, diferente daqueles que cresceram em um ambiente familiar amoroso, protetor e com fronteiras familiares bem definidas.

E como conseqüência, as vítimas sofrem de várias seqüelas que vão persegui-las por toda a vida. É comum as meninas que sofrem abusos por parentes serem consideradas culpadas, ou responsáveis por provocar a situação. Frases do tipo “foi você quem quis também”, “você é que é sem-vergonha” soarem em seus ouvidos constantemente. Sem ter aliados, ou alguém que acredite nelas, acabam se isolando, tornando-se pessoas tristes, deprimidas e propensas ao suicídio.

Braun (2002) discorre sobre esse assunto, abordando as conseqüências físicas e psicológicas do abuso sexual por adultos:

Na conseqüência física: ocorrem lesões físicas gerais, como hematomas, fraturas, queimaduras de cigarro. Essas agressões podem fazer parte do prazer sexual ou serem usadas como maneira de intimidar a vítima. Existem ainda as lesões genitais; a mais comum, diz a autora, é a laceração da mucosa anal.

A gestação decorrente do abuso costuma ser problemática. Nesses casos, a probabilidade de mortalidade materna e fetal é muito maior. Existem também as doenças sexualmente transmissíveis, como gonorréia, sífilis, herpes genital ou Aids,

entre outras, às quais as vítimas estão sujeitas. Outra conseqüência que afeta seriamente as vítimas de abusos sexual são as seqüelas orgânicas futuras, que dificultam ou impedem a concretização do ato sexual.

Enquanto a conseqüência psicológica: caracteriza-se pela grande dificuldade afetiva, decorrente do sentimento de culpa. Isso se dá pelo fato da vítima ter sido abusada por muito tempo, além de sentir-se culpada por ter sentido algum prazer físico numa situação que é geralmente aversiva. Outro fator que reforça o sentimento de culpa é a cobrança que as pessoas fazem à criança, por ela não ter revelado antes o abuso.

A criança ou adolescente – acaba sendo responsabilizada pelo ocorrido – acusado de *sedução*. Essa visão equivocada que a sociedade tem do abuso sexual contra crianças e adolescentes gera, nas vítimas, o sentimento de autodesvalorização. Como explica a autora, algumas mulheres que passaram por incesto na infância, costumam referir-se a si mesmas usando termos como “cadelas, putas e bruxas”.

A depressão também é uma das causas do abuso. Características como a baixa auto-estima são freqüentes. Há uma grande dificuldade de relacionar-se com outros homens. Isso acontece porque as vítimas temem uma aproximação mais íntima com o parceiro.

As pesquisas revelam que há uma forte tendência à promiscuidade sexual na infância e adolescência, principalmente nos casos de incesto pai-filha. O pai, ao abusar sexualmente da filha, força-a a pagar com seu corpo pelo afeto e pelos cuidados que deveriam ter-lhe sido dispensados gratuitamente. A criança aprende que seu corpo pode ser comercializado. Esse comportamento gera uma compulsão

sexual, porque as vítimas não conseguem distinguir, muitas vezes, relação sexual de afeto e acham que para serem amadas precisam ser usadas sexualmente.

Os comportamentos também podem ser inversos. Existem casos em que a vítima tem uma forte aversão ao sexo, devido aos aspectos traumáticos da violência sofrida.

As experiências com drogas são verificadas nos casos de violência sexual, assim como a propensão ao suicídio. O desejo de morte aparece como a única solução para as vítimas, porque estas, ao sentirem o corpo invadido pela violência sexual, acabam tendo condutas mutiladoras e auto-aniquiladoras. Em outros casos, registra-se que a fuga do lar é bastante freqüente.

Dentre todas as conseqüências citadas, temos ainda, os problemas de personalidade, que vão desde as crises histéricas, obesidade ou anorexia até comportamentos agressivos desenvolvidos pela vítima.

2.5 – Perfil do agressor e vínculo com a vítima de abuso sexual

Período: janeiro a maio de 2004
Universo considerado: 34 denúncias
Fonte: Delegacia da Mulher

Gráfico 1

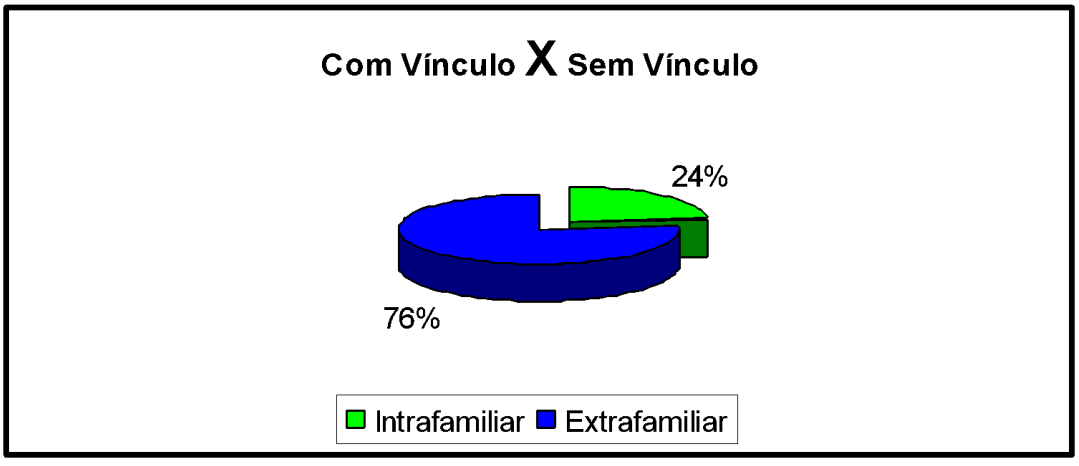
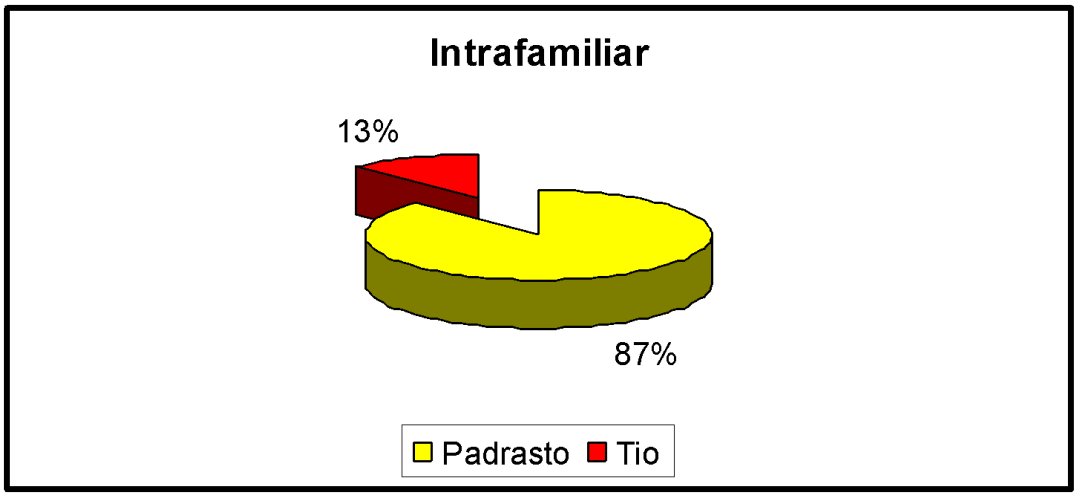


Gráfico 2



No gráfico 1 e 2 observa-se:

a) Que os casos extrafamiliares foram a maioria com 76% dos casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes;

b) E quando discriminamos o agressor, o padrasto aparece em primeiro lugar com 87%, um percentual que revela o novo modelo familiar. A mãe geralmente tem filhos de pais diferentes e o que os mantém juntos não são os laços afetivos e sim o financeiro. Nessa relação, a mãe muitas vezes, acaba aceitando e sendo cúmplice do abuso com medo de perder o sustento do lar. A criança, nesses casos, serve como “gratificação” para o abusador;

c) Outros membros da família também aparecem como protagonistas na situação do abuso. O tio se apresenta nas pesquisas com 13% dos casos, isso ocorre porque as mães saem para trabalhar, e os filhos ficam com algum parente, geralmente é um tio mais velho que está desempregado e passa o dia em casa com as crianças.

As pesquisas feitas em nível nacional mostram que o perfil do abusador é de caráter familiar. A Associação Brasileira de Multiprofissionais de Proteção à Infância

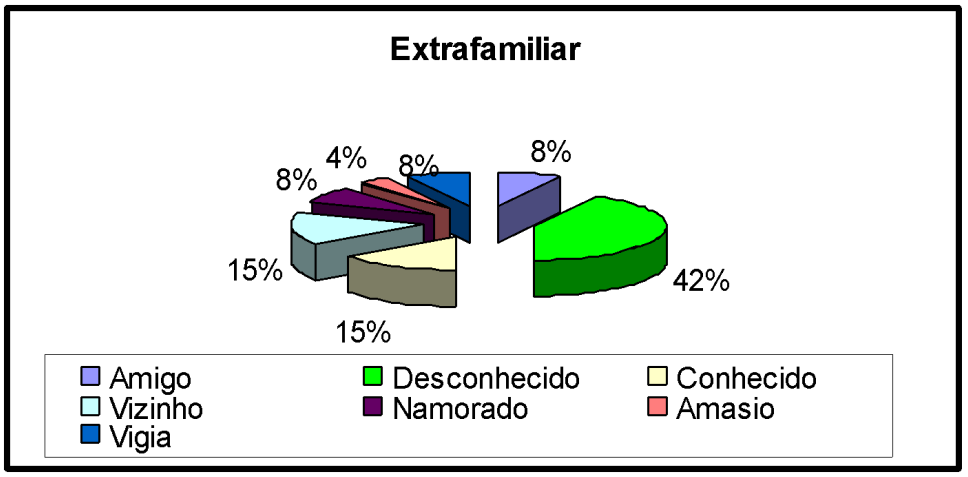
e Adolescência – Abrapia (2003), revela que 54,55% dos casos de abuso sexual aconteceram dentro do ambiente familiar.

Os agressores sexuais, por sua vez, são homens adultos e de idade avançada à da criança. A diferença na idade cria uma relação de poder entre o adulto e a criança. Esta, por não ter maturidade e também discernimento do que pode ou não pode fazer, acaba cedendo aos apelos daquele. E ao contrário do que muita gente pensa, o abusador é uma pessoa comum da sociedade – contrariando a crença de que seja um indivíduo psicopata ou mesmo um criminoso.

Os estudos ainda indicam que o abusador de hoje pode ter sido abusado na infância.

> - Cerca de 85% são homens e adultos.
> - Apresentam alguma psicopatologia inerente ou anomalias na estrutura do superego.
> - Mostram-se incapazes de controlar seus impulsos, embora lutem para reprimir a compulsão e o sentimento de culpa pelo abuso que cometem.
> - Geralmente foram vítimas de abuso sexual na infância.
> - Normalmente não são violentos e apresentam comportamentos com padrões de boa convivência social.
> - São influenciados pela imagem materna.
> - Freqüentemente buscam alento na conversão a alguma denominação religiosa[18].

Gráfico 3



[18]ANDI – O grito dos Inocentes: os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes. São Paulo: Cortez, 2003, p. 92.

No gráfico 3 verifica-se:

a) Que os casos de abuso que ocorreram fora do ambiente familiar, na sua maioria foi por desconhecidos da vítima, representando 42% do total. Nestes casos percebemos que diversos fatores contribuem para esse tipo de violência. Um deles é gerado pela falta de estrutura familiar, o que já tínhamos visto nos gráficos anteriores. Os filhos acabam sendo criados na rua, vulneráveis a todo tipo de violência que possa existir;

b) Os índices de conhecido e vizinhos com 15% cada, também tiveram um percentual bastante expressivo, o que mostra que o agressor, muitas vezes está bem perto da vítima;

c) Com relação aos índices de vigia com percentual de 8%, as denúncias feitas geralmente são de escolas, onde a vítima sofreu algum tipo de abuso sexual. Já nos casos de amigos, com 8%, estes são decorrentes de festas onde foi ingerida bebida alcoólica tanto pela vítima como pelo agressor. Nesses casos a vítima é adolescente.

d) Temos ainda o namorado com 8%, que representam casos em que a vítima faz a denuncia, muitas vezes por motivos de brigas motivadas pelo ciúme e que acabam gerando a violência. Em alguns casos constatamos que a vítima fazia a denúncia de estupro para se vingar do namorado. Já nos casos de amásio com 4% as ocorrências foram feitas pela mãe da vítima. Geralmente a menina vivia e mantinha relações sexuais com um homem bem mais velho.

Este a “comprava” com presentes e, em outros casos, sustentava a família da vítima.

2.6 – Perfil das vítimas de abuso sexual

Período: janeiro a maio de 2004
Universo considerado: 34 denúncias
Fonte: Delegacia da Mulher

Gráfico 4

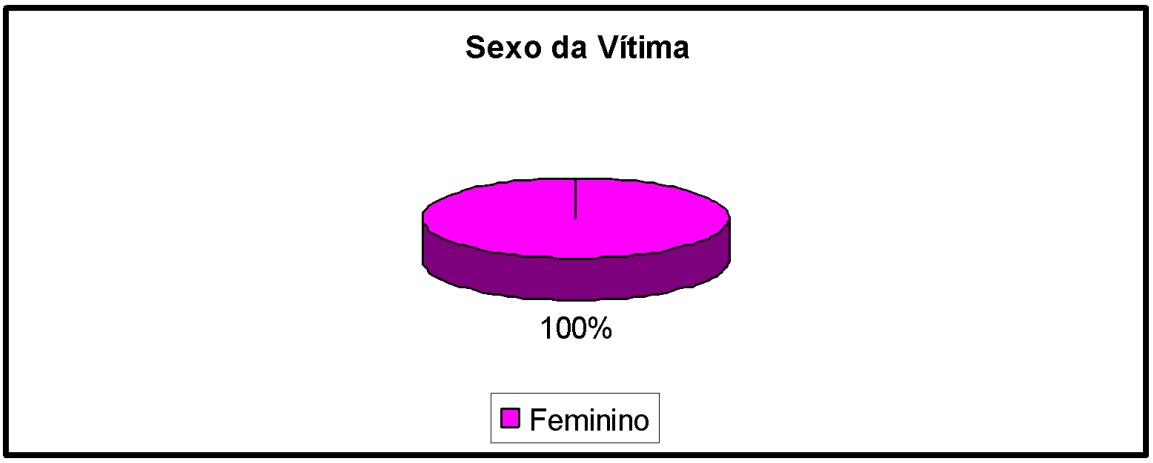
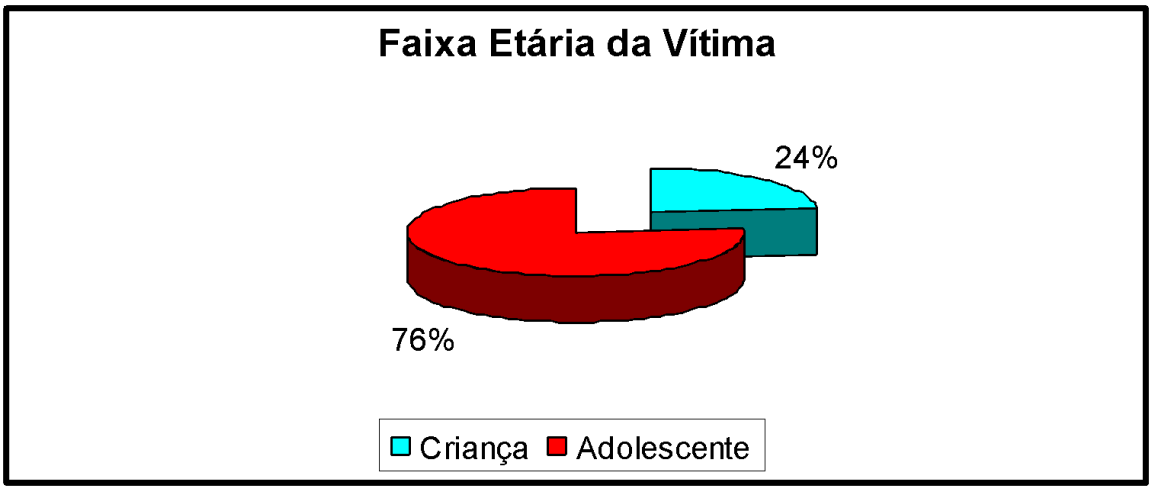


Gráfico 5



Nos gráficos 4 e 5, percebemos que:

a) As vítimas de abuso sexual são na sua maioria do sexo feminino. Não podemos ignorar o fato de que ocorre também com o sexo masculino. Mas considerando os 34 casos que foram denunciados

pela Delegacia da Mulher, todos foram ocorridos com meninas. Pesquisas feitas em nível nacional indicam que 76% das vítimas são as mulheres.

b) Com relação à idade das vítimas, 76% estão na adolescência. Nas nossas pesquisas verificamos que a maioria tem a idade de doze anos. Segundo alguns relatos de psicólogos a faixa etária das meninas que sofrem abuso sexual está dentro dos 10-12. Nessa idade o corpo da menina passa por transformações: os seios, os pelos pubianos se desenvolvem, tornando-se mais visíveis.

Como verificamos as estatísticas apontam que as meninas são as maiores vítimas de abuso sexual. Os dados comprovam a dominação masculina e a hierarquia de gênero que perduram ao longo dos séculos. È o poder masculino sobre o feminino.

Nessa guerra dos sexos a mulher – criança, adolescente ou adulta – sofre com a crueldade que é a violência contra o corpo.

> Certo dia Krishna (12) foi à mercearia comprar leite para os seus irmãos, no caminho foi abordada por dois homens, que covardemente arrastaram-na até um terreno baldio, lá agrediram e violentaram-na até a morte[19].

Para demonstrar e fazer comentários dos gráficos acima, usamos como referência a Delegacia da Mulher, levando em conta o número de denúncias coletadas, e por ser um órgão em que passa a maioria dos casos de violência sexual. Embora conste em nossos anexos os dados das outras fontes pesquisadas: Conselho Tutelar e Sentinela.

---

[19] 1ª Campanha Preventiva contra abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Boa Vista, 2001

USO DO RÁDIO NA PESQUISA

3.1 – Rádio

A rádio foi o primeiro meio de comunicação a qual o homem moderno teve contato. Com o seu aspecto fascinador, falar e ser ouvido por uma grande massa, fez com que esse meio de comunicação mudasse os hábitos e a maneira de viver dos homens modernos.

Quando ouvimos falar na história de Orson Welles, que em 1938 simulou a irradiação da invasão da Terra pelos marcianos, percebemos o poder da comunicação, já naquela época. A sua audácia mostrou a força que o rádio exercia sobre o público.

A partir dessa experiência, o rádio ficou conhecido como o meio de comunicação mais rápido e capaz de levar a informação em tempo real.

No Brasil, quando foi inaugurado oficialmente em 1922, o rádio tinha como finalidade levar educação e entretenimento aos ouvintes. Com a permissão do uso da publicidade, esse veículo passou a ter um caráter puramente comercial, tornando-se ainda mais popular.

Hoje, com mais de 80 anos levando a informação para todo o País, essa mídia sobrevive às mais modernas tecnologias que o homem já inventou como: o telefone, a televisão, a internet e outros recursos audiovisuais.

3.1.1 – Características

Dos meios de comunicação de massa, o rádio é o mais popular e o de maior alcance público, não só no Brasil mais em todo o mundo. Ortriwano[20] aponta algumas dessas características:

Linguagem oral: o rádio fala e, para receber mensagem basta apenas ouvir. Não é nem necessário que o ouvinte saiba ler, talvez por isso que a média do público ouvinte seja, na sua maioria, de pessoas de nível cultural mais baixo que os outros meios de comunicação;

Penetração: seu alcance é universal**,** no aspecto geográfico por exemplo, o rádio alcança os pontos mais remotos. Portanto, o rádio será tanto mais nacional como mais regional;

Mobilidade: na emissão da mensagem, pois pode estar presente com mais facilidade no local dos acontecimentos e transmitir as informações muito mais rápido que a televisão. A recepção da mensagem pode ser recebida sem intermédio de fios e tomadas, como também não é preciso ficar em casa, ao lado do aparelho;

Baixo custo: o aparelho de rádio é o mais barato se comparado a outros meios como televisão, jornal impresso e internet. Estes por sua vez carecem de uma manutenção ou encargo diário sobre ele, de forma que o rádio está livre dessas despesas, portanto se torna mais acessível;

Imediatismo: os fatos podem ser transmitidos no instante em que ocorrem. Não é necessário edição como na televisão, nem publicar como nos jornais. A notícia chega direto ao ouvinte, em tempo real;

---

[20] ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus,1985.

Instantaneidade: a mensagem precisa ser recebida no momento em é emitida. Se o ouvinte não estiver exposto ao meio naquele instante, a mensagem não o atingirá;

Sensorialidade: o rádio envolve o ouvinte, fazendo o participar por meio da criação de um "diálogo mental" com o emissor. Ao mesmo tempo que desperta a imaginação através dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham seu grau de força ou de doçura, gerando dessa forma expectativas no ouvinte;

Autonomia: o rádio está livre de fios e tomadas – graças ao transistor – por isso tanto pode ser um meio de recepção coletiva como individual. As pessoas podem receber suas mensagens sozinhas em qualquer lugar.

3.2 – Vantagens e desvantagens do Rádio

O rádio é o mais acessível e capaz de atingir as comunidades mais distantes. Seu uso é massificado, tanto pelo seu custo como pela sua comodidade. Atinge melhor a população brasileira, principalmente as com alto índice de analfabetismo e, do interior. O ouvinte ouve rádio em média 3 horas e 34 minutos.

Tem maior audiência do que a televisão durante a manhã e mais o dobro durante à tarde. Segundo pesquisas[21], 93% de consumidores de refrigerante coca-cola receberam a mensagem pelo rádio em 15 dias (as classes A, B e C representam 71% do total de consumidores e a idade varia entre 25 e 39 anos); 99% dos motoristas que passam 10 horas no volante (78% homens e 22% mulheres, com idade entre 25 e 39 anos, classes A, B e C = 96%).

[21] SANTOS, Oiran Braga dos. Rádio Comunitária: Instalção e gerenciamento no bairro Tancredo neves. Boa Vista, 2002, p. 18.

Chega aonde a tv não vai. Está em 98 % das casas, enquanto a tv em apenas 75%. O horário nobre da rádio dura 13 horas, o da tv se limita a três.

No verão as pessoas tendem a sair mais de casa durante a noite, o rádio acompanha seus ouvintes ganhando audiência sobre a tv.

As desvantagens se encontram dentro da impossibilidade que o rádio tem de não ser visual – como a televisão – desta forma recebe menos atenção do ouvinte.

3.3 – Rádio: a escolha do veículo como instrumento de disseminação da pesquisa

A idéia de utilizar o meio de comunicação se respalda diante de todas as vantagens que abordamos a pouco. E como nossa pretensão é divulgar e esclarecer alguns mitos que se escondem por trás da violência que é o abuso sexual contra crianças e adolescentes, o rádio em nosso estudo é a ferramenta mais adequada para enviar mensagens e atingir um maior número de ouvintes.

O estudo teve como primeiro passo, contato com algumas instituições objetivando buscar informações a respeito do assunto, posteriormente, participei de fóruns de debates e seminários durante este semestre. A segunda etapa foi a ida para realização de entrevistas na delegacia da mulher, conselho tutelar e o projeto Sentinela, que trabalham diretamente com a problemática, para coletar dados estatísticos e conhecer a atividade desenvolvida por cada órgão.

Realizei estudo exploratório a respeito do tema escolhido, pesquisando em livros, revistas e jornais cuja edição continha matérias específicas. Outro recurso utilizado pela pesquisadora foi a Internet. Naveguei por alguns sites em busca do assunto, e colhi algumas informações que contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa.

Para abordar o assunto, escolhi a Rádio Roraima por ser a única emissora AM de maior abrangência, ultrapassando fronteiras. Sua mensagem atinge um público que não tem acesso às informações por outros canais de comunicação, sobre temas como: saúde e educação.

E pela existência de um programa de rádio produzido e apresentado pelos estudantes de Comunicação Social, da Universidade Federal de Roraima (UFRR), na Rádio Roraima, denominado *Comunicação no Ar*[22], de responsabilidade das disciplinas de Radiojornalismo I e II. É nesse espaço que pretendo levar ao ar o resultado de minha pesquisa para que a comunidade fique atenta para os perigos do abuso sexual.

Como futuro jornalista não devo esquecer do nosso compromisso social que é prestar serviço à população e levá-los a formar sua opinião. É bom lembrar que a função do rádio é levar a informação a todos os ouvintes em qualquer parte do mundo, além de educá-los.

Com esse propósito criei um programa de rádio visando levá-lo ao ar na Rádio Roraima, no horário do *Comunicação no ar*. Adaptei o conteúdo à história infantil do *Chapeuzinho Vermelho,* baseado na obra de João de Barro. O objetivo é alertar tanto as crianças e o adolescentes, como a comunidade em geral, a detectar sinais de perigo no comportamento do abusador e, a partir dessa percepção, encontrar formas de defesa contra os supostos agressores sexuais. Entendemos que a criança informada poderá se defender, e a comunicação é essencial nos casos de abuso sexual.

[22] O programa é apresentado todos os sábados, na Rádio Roraima, das 9h às 10h30. É dividido em quatro blocos, com notícias jornalísticas sobre assuntos variados (política, cidadania, educação, saúde, cultura, esporte, agricultura etc.), entrevistas.

3.4 – Roteiro do programa

Abuso sexual contra crianças e adolescentes

Duração do programa – 6 minutos

Redação e produção – Eliane Rocha

Narração: Eliane Rocha

Personagens: Eliane Rocha, Sonia Lúcia e Rafael Nadales

Musica: Estrada a fora: Voz: Flora Amazônida

Música: Lobo Mau Voz: Luiz Carlos

Coro: Kaline Barros – Grupo teatral CRIARTE

RECONTANDO A HISTÓRIA DO CHAPEUZINHO VERMELHO

NARRADORA – OLÁ PESSOAL/ VOCÊS JÁ OUVIRAM A HISTÓRIA DO CHAPEUZINHO VERMELHO NÉ?// MAS VOCÊS SABIAM QUE POR TRÁS DESTE CONTO DE FADAS/ SE ESCONDE O MITO DO ABUSADOR SEXUAL? É POR ISSO QUE VAMOS RECONTAR A HISTÓRIA// DESTA VEZ/ ALERTANDO SOBRE OS PERIGOS DO ABUSO SEXUAL/ E ENSINAR AS NOSSAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES A SE DEFENDEREM//

MÃE – CHAPEUZINHO! MINHA FILHA!///

CHAPEUZINHO VERMELHO – ESTOU AQUI/ MAMÃEZINHA///

MÃE – VÁ À CASA DA VOVÓ LEVAR ESSES DOCES/ POIS ELA ESTÁ DOENTE///

CHAPEUZINHO VERMELHO – VOU AGORA/ MAMÃEZINHA///

MÃE – MAS CUIDADO/ NÃO VÁ PELA FLORESTA QUE O LOBO MAU VIVE POR LÁ/ E GOSTA DE DEVORAR CRIANCINHAS///

NARRADORA – MUITO FELIZ COM A CESTINHA NA MÃO/ CHAPEUZINHO VERMELHO FOI PELA ESTRADA A CANTAR SUA CANÇÃO///

MUSICA DE CHAPEUZINHO VERMELHO – PELA ESTRADA A FORA EU VOU TÃO SOZINHA/ LEVAR ESSES DOCES PARA A VOVOZINHA// ELA MORA LONGE/ O CAMINHO É DESERTO E O LOBO MAU SEMPRE ESTÁ POR PERTO//

MAS À TARDINHA/ AO SOL POENTE/ JUNTO À VOVOZINHA ESTAREI CONTENTE///

NARRADORA – NESSE MOMENTO/ PORÉM/ APARECEU/ NÃO SE SABE DE ONDE/ UMA VOZ MISTERIOSA!///

LOBO MAU – EI/ CHAPEUZINHO VERMELHO! VENHA CÁ///

CHAPEUZINHO VERMELHO – QUEM É VOCÊ?///

NARRADORA – A VOZ ERA DO LOBO/ QUE ESTAVA ESCONDIDO NUM ESPINHEIRO ALI PERTO///

LOBO MAU – NÃO SE ASSUSTE/ TENHA CALMA// VOCÊ NÃO PODE ME VER PORQUE SOU O ANJO DA FLORESTA// MAS ME DIGA/ MENINA/ AONDE VOCÊ VAI?///

CHAPEUZINHO VERMELHO – VOU LEVAR ESTES DOCINHOS PARA VOVÓ/ QUE ESTÁ DOENTE///

LOBO MAU – MAS SE VAI PARA AQUELAS BANDAS/ DEVE IR PELA FLORESTA///

CHAPEUZINHO VERMELHO – MAS A MAMÃEZINHA DISSE QUE O LOBO MAU ANDA POR LÁ///

LOBO MAU – SUA MÃE É MEDROSA/ E FAZ TEMPO QUE O LOBO MAU MUDOU DE LÁ// AGORA NÃO HÁ PERIGO// A FLORESTA ESTÁ LINDA/ CHEIAS DE FRUTAS MADURAS// GOIABAS VERMELHAS COMO A COR DO SEU CHAPÉU// AS BORBOLETAS SÃO AZUIS COMO PEDACINHOS DO CÉU///

CHAPEUZINHO VERMELHO – MAS SENHOR ANJO/ TEM CERTEZA QUE O LOBO NÃO VAI ESTÁ POR LÁ?///

LOBO MAU – TENHO SIM/ LINDA MENINA///

NARRADORA – E ASSIM FOI CHAPEUZINHO VERMELHO FELIZ DA VIDA E CANTAROLANDO///

MUSICA DE CHAPEUZINHO VERMELHO – PELA ESTRADA A FORA EU VOU TÃO SOZINHA/ LEVAR ESSES DOCES PARA A VOVOZINHA///

LOBO MAU – HÁ/ HÁ/ HÁ/ TÃO INGÊNUA/ ACREDITOU EM TUDO O QUE DISSE// AGORA VOU PELA ESTRADA E CHEGAREI PRIMEIRO À CASA DA VOVÓ// CHEGANDO LÁ/ COMO A VOVÓ E FICO ESPERANDO A NETA PARA COMER DE SOBREMESA///

NARRADORA – E FOI-SE O LOBO CANTANDO E IMAGINANDO AS DELÍCIAS QUE TERIA PARA O ALMOÇO///

LOBO MAU – EU SOU O LOBO MAU/ LOBO MAU/ LOBO MAU// MISTURO AS CRIANCINHAS NO MEU PRATO DE MINGAU// EU SOU O LOBO MAU/ LOBO MAU/ LOBO MAU// MISTURO AS CRIANCINHAS NO MEU PRATO DE MINGAU///

NARRADORA – CHEGANDO À CASA DA VOVOZINHA/ LOBO MAU BATEU À PORTA///

VOVOZINHA – QUEM ESTÁ AÍ?///

LOBO MAU – SOU EU/ SUA NETINHA///

VOVOZINHA – MINHA NETINHA?/ MAS A VOZ ESTÁ TÃO MUDADA///

LOBO MAU – É QUE ESTOU RESFRIADA/ VOVOZINHA///

VOVOZINHA – ENTÃO ENTRE/ CHAPEUZINHO///

NARRADORA – AO ENTRAR/ LOBO MAU FOI LOGO DEVORANDO A VOVOZINHA///

LOBO MAU – HÁ/ HÁ/ HÁ QUE MARAVILHA/ APESAR DE UM POUCO DURA/ COMI A VELHA TODINHA///

NARRADORA – O LOBO ENTÃO VESTIU A CAMISOLA/ COLOCOU A TOUCA/ OS ÓCULOS/ E FICOU NA CAMA ESPERANDO// CHAPEUZINHO VERMELHO CHEGA EM SEGUIDA///

CHAPEUZINHO VERMELHO – VOVOZINHA///

LOBO MAU – PODE ENTRAR/ MINHA NETINHA// VENHA AQUI PERTO DE MIM///

CHAPEUZINHO VERMELHO – VOCÊ ESTÁ TÃO DIFERENTE///

LOBO MAU – NÃO É NADA/ MINHA FILHA/ ACORDEI UM POUCO ROUCA///

CHAPEUZINHO VERMELHO – E POR QUE ESSES OLHOS TÃO GRANDES?///

LOBO MAU – PRA TE VER MELHOR///

CHAPEUZINHO VERMELHO – E ESTE NARIZ TÃO GRANDE/ TÃO FEIO?///

LOBO MAU – PRA TE CHEIRAR MELHOR///

CHAPEUZINHO VERMELHO – E ESTA BOCA TÃO GRANDE?///

LOBO MAU – HA! HA! HA! É PRA TE COMEEEER MELHOR///

CHAPEUZINHO VERMELHO – SOCORRO/ SOCORRO///

LOBO MAU – NÃO ADIANTA GRITAR/ NEM CORRER/ MINHA BELEZA///

NARRADORA – PARA SORTE DE CHAPEUZINHO VERMELHO/ OS CAÇADORES ESCUTAM O GRITO DE SOCORRO E APARECEM PARA SALVÁ-LA///

CAÇADOR – ABRA A PORTA/ SENÃO NÓS ARROBAMOS///

NARRADORA– O LOBO TENTOU FUGIR/ COM OS CÃES A PERSEGUI-LO/ MAS UM TIRO BEM CERTEIRO/ ACABOU POR ATINGI-LO///

CAÇADOR – ESTE NÃO COMERÁ MAIS CRIANCINHAS/ NOS CAMINHOS DA FLORESTA///

NARRADOR – UM SOM DE ALGUÉM SOLUÇANDO CHAMOU A ATENÇÃO DOS CAÇADORES///

CAÇADOR – QUEM ESTÁ AI?///

CHAPEUZINHO VERMELHO – SOU EU/ A CHAPEUZINHO///

CAÇADOR – PODE SAIR/ MINHA FILHA/ JÁ NÃO HÁ NENHUM PERIGO// JÁ MATAMOS O LOBO///

NARRADOR – OS CAÇADORES ABRIRAM A BARRIGA DO LOBO/ E TIRARAM A VOVOZINHA DE DENTRO///

VOVOZINHA – QUE SUSTO/ MINHA FILHA// QUASE QUE O LOBO COME VOCÊ TAMBÉM// TUDO PORQUE NÃO SEGUIU OS CONSELHOS DA SUA MAMÃEZINHA/ NÉ?///

TERMINA A HISTÓRIA E ENTRA A NARRAÇÃO

NARRADORA – ASSIM COMO O LOBO MAU/ O ABUSADOR TAMBÉM CONHECE SUAS VÍTIMAS// SABE ONDE MORA/ E CONHECE BEM SEU PERCURSO DA ESCOLA PARA CASA// ELE TAMBÉM PODE ESTAR PRESENTE DENTRO DE CASA/ MUITAS VEZES É O PAI/ O TIO/ OU ALGUM OUTRO PARENTE// O ABUSADOR/ AO ENCONTRAR A VÍTIMA/ MOSTRA-SE AMIGO E A CONQUISTA ATRAVÉS DE BALAS/ CHOCOLATES E PRESENTES// ELE TAMBÉM CONQUISTA PESSOAS DA FAMÍLIA/ PODENDO SER A MÃE/ A AVÓ/ A TIA OU ALGUÉM PRÓXIMO DE VOCÊ// AO AGIR/ ELE É GENTIL/ E COMO O LOBO/ USA O OLHAR/ O TOQUE/ O CHEIRO/ OFERECE COLO/ COMO SE FOSSE SÓ UM GESTO DE CARINHO// QUANDO CONSEGUE A CONFIANÇA DA CRIANÇA/ SE TRANSFORMA NO LOBO MAU// SUAS FEIÇÕES E SUA VOZ MUDAM// SEU OLHAR FICA FURIOSO// ELE PODE FAZER USO DA FORÇA/ TAPANDO A BOCA/ SEGURANDO OS PULSOS// PODE FAZER AMEAÇAS VERBAIS/ COMO///

NARRADOR – SE VOCÊ CONTAR PARA SUA MÃE/ EU TE MATO// SE VOCÊ CONTAR/ NINGUÉM VAI ACREDITAR EM VOCÊ///

NARRADORA – NA HISTÓRIA DO LOBO MAU/ CHAPEUZINHO VERMELHO FOI SALVA PELOS CAÇADORES DA FLORESTA// MAS ISTO NEM SEMPRE É POSSÍVEL// NA VIDA REAL/ A CRIANÇA TEM QUE TOMAR ALGUNS CUIDADOS E SE ALGO ACONTECER DE ERRADO/ DEVE SEMPRE FALAR A VERDADE PARA A MÃE// OU PARA PROFESSORA/ OU UMA TIA/ AVÓ/ OU ENTÃO UMA PESSOA QUE GOSTE MUIIIIIIIIITO// VOCÊ AINDA PODE LIGAR PARA O DISK DENÚNCIA 0800 280 95 34// TAMBÉM NUNCA ACEITE CARONA/ NEM PRESENTES DE ESTRANHOS// NÃO SAIR SOZINHO// E/ LEMBRE-SE// VOCÊ É UMA CRIANÇA/ E CRIANÇAS NÃO SÃO CULPADAS DE NADA///

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho percebi como a informação é importante e vital dentro do contexto sobre a violência que é o abuso sexual. Conhecer a problemática evita cometermos alguns erros em relação aos direitos da criança e do adolescente.

A violência que cerca nossos jovens requer uma reavaliação quanto aos valores que estamos dispensando a eles, mais precisamente em relação aos direitos à vida, à saúde e à educação. Garantir esses direitos é nosso dever.

De fato, ainda estamos longe de enxergar as crianças e adolescentes como sujeitos e garantir que seus direitos sejam honrados. O abuso sexual é uma prova de que essas garantias não estão sendo respeitadas e o pior, está ocorrendo dentro dos lares, o tão sagrado “doce lar”. E tem como protagonista o próprio pai ou provedor da família, que comete o incesto, muitas vezes, com a cumplicidade de outros membros da família.

Quem sofre de abuso sexual tanto meninos ou meninas, crianças ou adolescentes carregam consigo o trauma de um dia terem sido violados. E mesmo que as marcas da violência desapareçam do seu corpo elas estarão presentes na alma para sempre.

Portanto, a melhor maneira de enfrentar o problema deve começar por respeitar o jovem e não fingir que o assunto não existe. Quebrar o muro do silêncio criado por aqueles que deveriam proteger a criança e o adolescente.

E ainda: acreditar e apoiar a criança é a melhor forma de protegê-las, porque crianças não são culpadas de nada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDI – ***O grito dos Inocentes: os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes***. São Paulo: Cortez, 2003.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. ***Pele de asno não é só história... um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família***. São Paulo: Roca, 1988.

_____. ***O castigo dos cacos quebrados***. ***O olhar instrumentalizado Transdiciplinar. 3A***. São Paulo: Lacri, 1999.

_____. ***Telecartas***. São Paulo: Lacri, 1999.

BARRO, João de. ***Chapeuzinho Vermelho***. São Paulo: Moderna, 2003.

BRAUN, Suzana. ***A violência Sexual Infantil na Família: do silêncio à revelação do segredo***. Porto Alegre: AGE, 2002.

Campanha Preventiva contra abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Boa Vista, 2001.

Dicionário de Ciências Sociais/ Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação; Benedcto Silva, coordenação geral; Antônio Garcia de Miranda Netto.../ et al./. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986, xx, 1422.p

Direitos Sexuais da Criança e do Adolescente – ***Uma Visão Interdisciplinar para o Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes***. Txai Movimento República de Emaús Marcel Hazel, 2004.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Boa Vista: CEDCAR/GER, 2000.

Folha de Boa Vista, 8 e 9 de 05/2004.

Fórum sobre Protagonismo Juvenil na luta contra o abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Boa Vista, Palácio da Cultura, 17 e 18 de maio. Boa Vista. 2004.

FREITAS, Aimberê. ***Geografia e História de Roraima***, 2000.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário Aurélio, século XXI, versão 3, Editora Nova fronteira.

IBGE Tendências Demográficas. ***Uma análise dos censos demográficos e da contagem da população***. 1999. vol. 5 . Rio de Janeiro.
_____. Censo Demográfico .população residente, por grupos de idade – Roraima. 2000.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. ***A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos***. São Paulo: Summus,1985.

RELATÓRIO DA ABRÁPIA. ***Maus tratos contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção: guia de orientação para profissionais de saúde***. Petrópolis-RJ, 1997.

RELATÓRIO DO PROJETO SENTINELA. ***Centro de Referência às vítimas de violência, com ênfase nas situações de abuso e exploração sexual*.** Boa Vista, 2004.

SANTOS, Oiran Braga dos. ***Rádio Comunitária: Instalção e gerenciamento no Bairro Tancredo neves***. Boa Vista: UFRR, 2002.

UNICEF. ***Situação do Abuso e da Prostituição Infanto-Juvenil no Brasil***. 1996.

OBRAS CONSULTADAS

ALBUQUERQUE, A.C.D.N.F. ***A gênese da noção de segredo na criança***. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.12, n.3, set/dez., 1996 p. 245-51.

ARAÚJO, E. ***O Teatro dos vícios/ Transgressão e Transigência na sociedade urbana colonial***. Rio de Janeiro: José Olympio,1993.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. ***Infância e violência fatal em família***. São Paulo: Lacri, 1999.

_____. ***Guia de debate sobre o filme no Limite do Silêncio***. São Paulo, Julho, 2003.

_____. ***O castigo dos cacos quebrados***. ***Interrompendo o circuito. 7A/B***. São Paulo: Lacri, 1999.

Campanha Nacional de Combate ao abuso e exploração sexual. Disponível em: <http: www.unicef.org/brazil/18demaio.html.> Acesso em: 18.maio.2004.

CARVALHO, Neusa Maria dos Santos. ***"...Um Tapinha Não Dói...Não? Mulheres Vitimizadas e a Aplicabilidade da Lei Na Cidade de Boa Vista"*****.** Boa Vista:UFRR.2003

CBMM. ***10 medidas básicas para a infância brasileira***. São Paulo, 1994.

COHEN, C. ***O incesto um desejo***. São Paulo: Casa do psicólogo, 1993

COSTA, Vanda Lira da. ***Crianças abusadas sexualmente: manutenção do abuso sexual infantil familiar, praticado por adulto contra crianças da classe de baixa renda na cidade de Boa Vista – RR***. Boa Vista: UFRR, 2000.

CUKIER, R. ***Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto***. São Paulo: Agora, 1998.

CURSO DE ATUALIZAÇÃO. ***Violência Doméstica contra crianças e adolescentes***. Boa Vista, 1999.

Direitos Sexuais da criança e do adolescente. ***Leitura social e jurídica: "Exploração Sexual" e "Violência Sexual"*****.** Belém, 1996.

FARINATTI et. Al. ***Pediatria social: a criança maltrada***. Rio de Janeiro: Médsi, 1993.

FURASTÉ. Pedro Augusto. ***Normas Técnicas para o trabalho Científico. Explicitação das Normas da ABNT***. – 13.ed. – Porto Alegre: s.n, 2004.

GABEL, M. (org). ***Crianças vítimas de abuso sexual***. São Paulo: Summu, 1997.

GUTIERREZ, Rachel. ***O feminismo é um humanismo: o sentido libertário da luta da mulher***. São Paulo: Iglu, 1989.

MONTEIRO, Miquéias. ***Chacina do Cauamé: estudo de caso***. Boa Vista. UFRR: 2001.

PECIS, P. Publicação CEAPIA. ***Existe alguma maneira de tirar sem doer tanto? Implicações clínicas do abuso sexual na infância***, nº 9, set. 1996.

PINHEIRO. Veralúcia. ***Silêncio e violência: a educação de crianças vítimas de abuso sexual na família***.

Programa Sentinela: Reflexão e Prática. Bahia, 2002.

RELATÓRIO ESTADUAL**. *Pesquisa tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual realizada no município e Boa Vista e Pacaraima-Roraima/Brasil e santa Helena do Uiarén/VE***. Boa Vista. 2002.

Reconhecendo os diferentes tipos de violência. Disponível em: <http://www.abrapia.org.br/homepage/tipos_de_violencia/tipos_de_violencia.html> Acesso em: 20.maio.2004.

Revista do Programa de Pós-graduação em Política Social SER/UnB. ***Violência e exploração sexual contra crianças e adolescentes***. Brasília, 1998.

SALGADO. Elisabeth. ***Quando uma família funciona bem?***. Disponível em: <http: www.elisabethsalgadoencontrandovoce.com.br> Acesso em: 20.maio.2004.

SANTOS, B. et al. ***Maus tratos e abuso sexual contra crianças e adolescentes: perfil das situações no Estado do Rio Grande do Sul***. Porto Alegre: CEDECA/PROAME, 1998.

SANTOS, Gildenir Carolino. ***Manual de Organização de referências e citações bibliográficas para documentos impressos e eletrônicos***. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

ANEXOS – Notícia do jornal Folha de Boa Vista

Notícia 1 – Oleiro foi morto ao tentar abusar da filha, estuprada pelo assassino

Instituições visitadas para coleta de dados

Delegacia da Mulher – DM

Delegacia da Mulher criada em 1985, surgiu com a necessidade de prevenir e combater a violência contra a mulher. Em Boa Vista, foi inaugurada em 1986 sendo a única no Estado.

Segundo a delegada titular Herneida de Souza Carneiro da Cunha, a delegacia recebe todo tipo de denúncia, seja contra a mulher ou outro delito contra a pessoa. Ela informa que as denúncias mais freqüentes são de espancamento em decorrência do alcoolismo, ameaças verbais, lesões corporais e estupro.

Conselho Tutelar: é um órgão municipal encarregado de averiguar as denúncias de maus tratos contra a criança e o adolescente e encaminhar os casos para as autoridades judiciais competentes, como o Juizado de Menores e a Promotoria da Infância e Juventude. Em Boa Vista foi implantado em 1997 e atua com cinco conselheiros.

Segundo a vice-presidente do Conselho, Lílian Maria Cruz de Almeida, as denúncias mais freqüentes são de violência doméstica e são comunicadas, na sua maioria, pelos próprios vizinhos.

Programa sentinela: Criado em 2000, em nível nacional, pelo Ministério da Previdência e Assistência social (atual Ministério da Assistência e Promoção social). O programa foi criado com o objetivo de apoiar e investir em projetos de organizações governamentais ou não-governamentais que privilegiassem, entre outros aspectos, o apoio psicossocial a meninas e meninos vítimas de violência sexual.

Em Boa Vista o programa Sentinela foi implantado em 2001, em parceria com os governos Federal, Estadual e Municipal. Atendeu até 2003, um total de 155

crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. As vítimas de exploração sexual também são assistidas pelo programa.

O Sentinela presta atendimento psicossocial às vítimas e faz acompanhamento à família. Em alguns casos insere as vítimas em programas sociais que a prefeitura oferece.

Gráficos – Conselho Tutelar

Período: janeiro a maio de 2004
Universo considerado: 11 denúncias

Gráfico 1

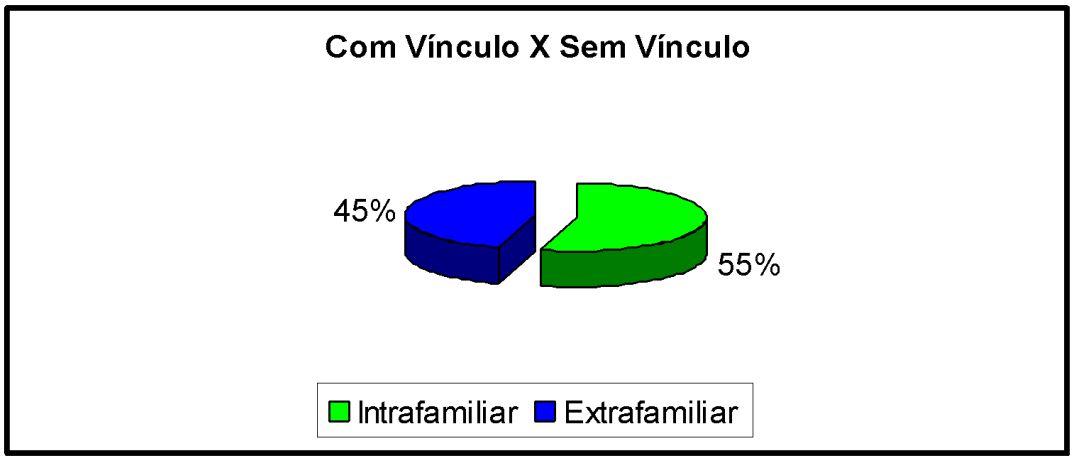


Gráfico 2

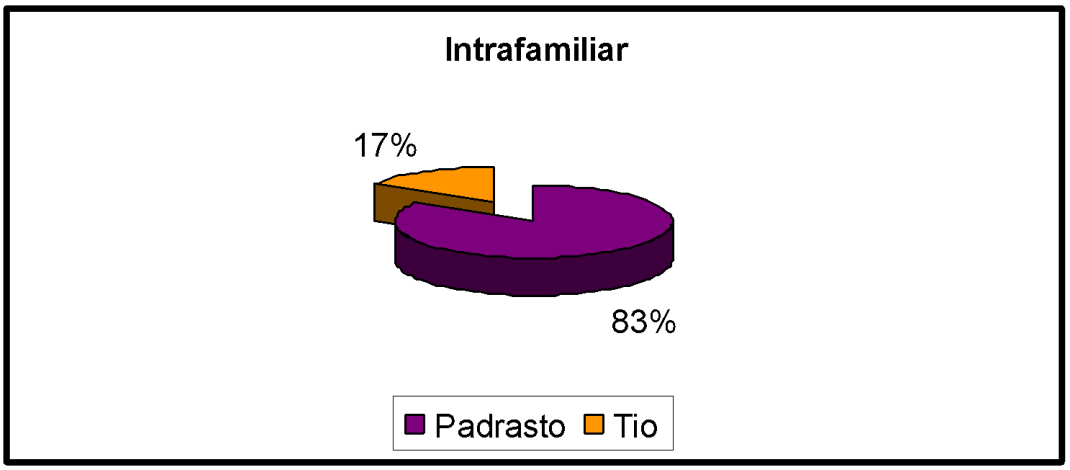


Gráfico 3

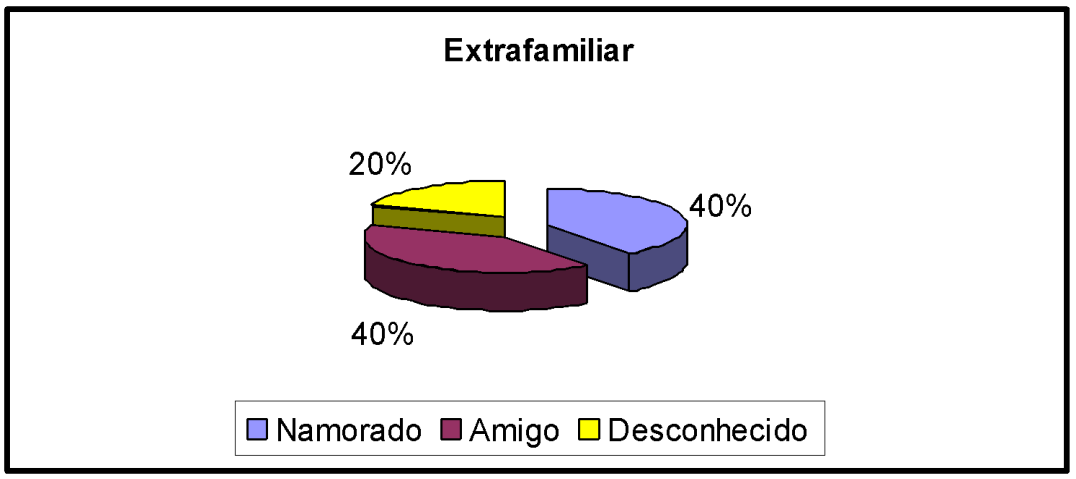


Gráfico 4

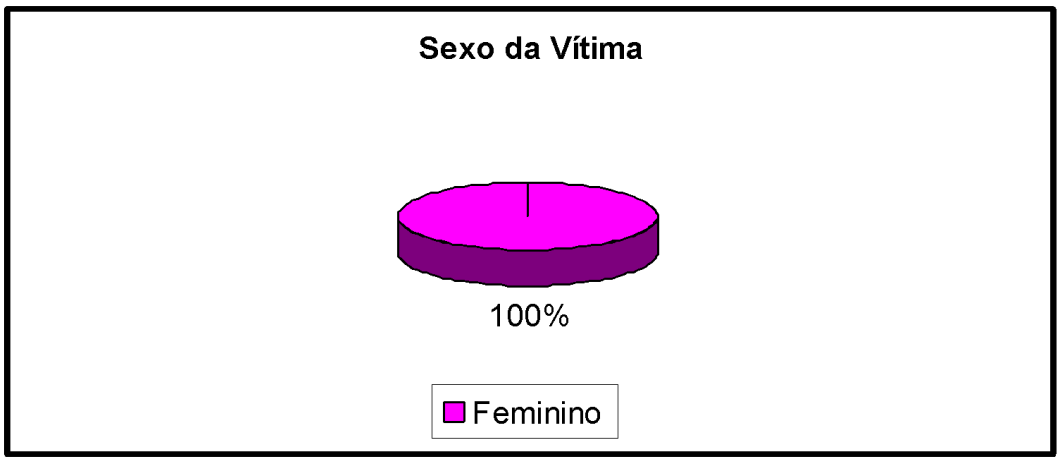
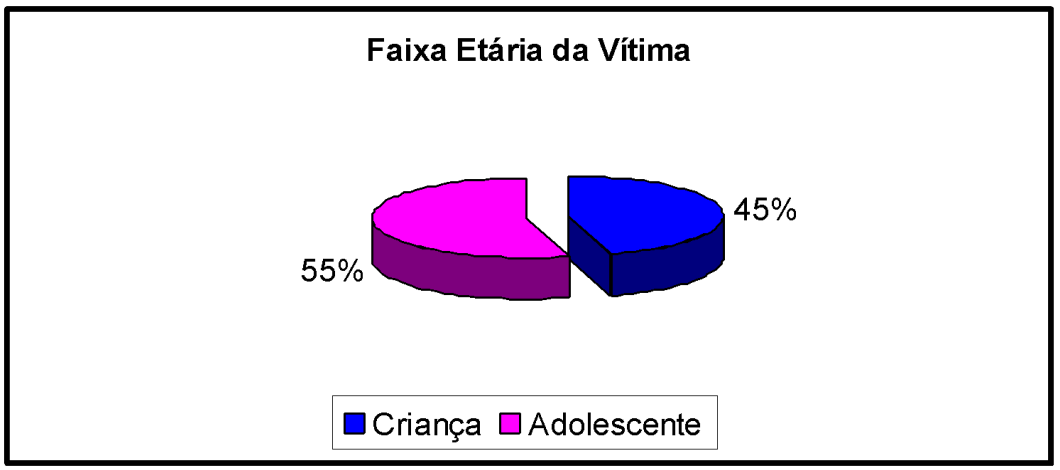


Gráfico 5



Gráficos - Sentinela

Período: janeiro a maio de 2004
Universo considerado: 14 denúncias

Gráfico 1

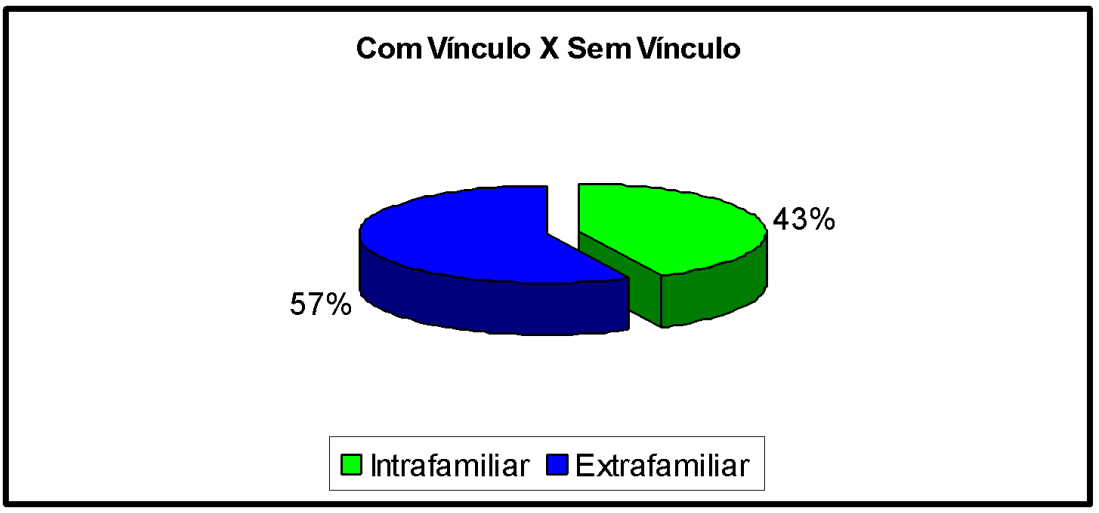


Gráfico 2

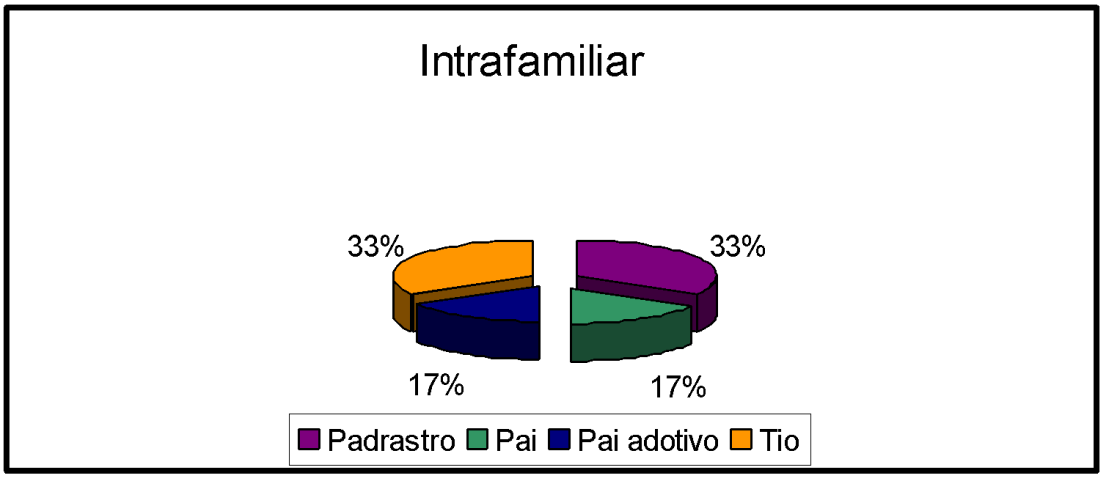


Gráfico 3

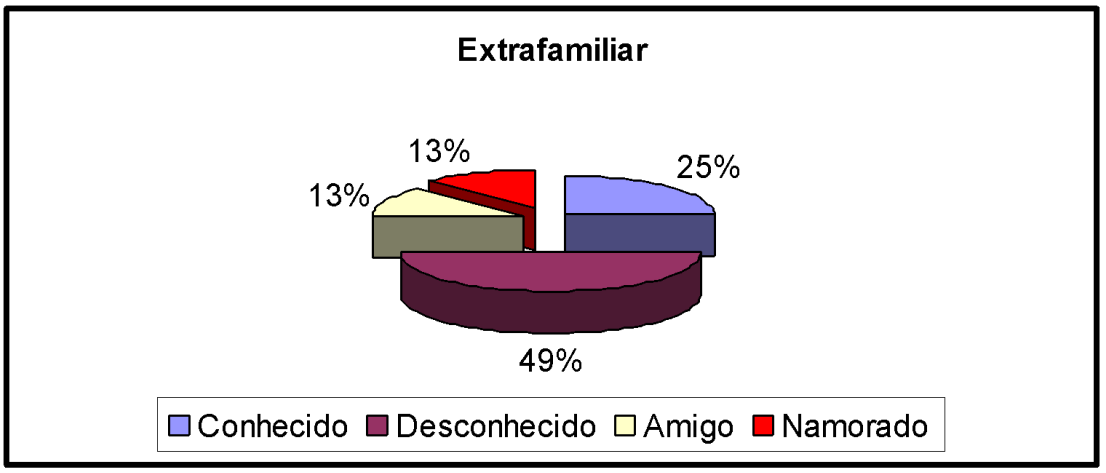


Gráfico 4

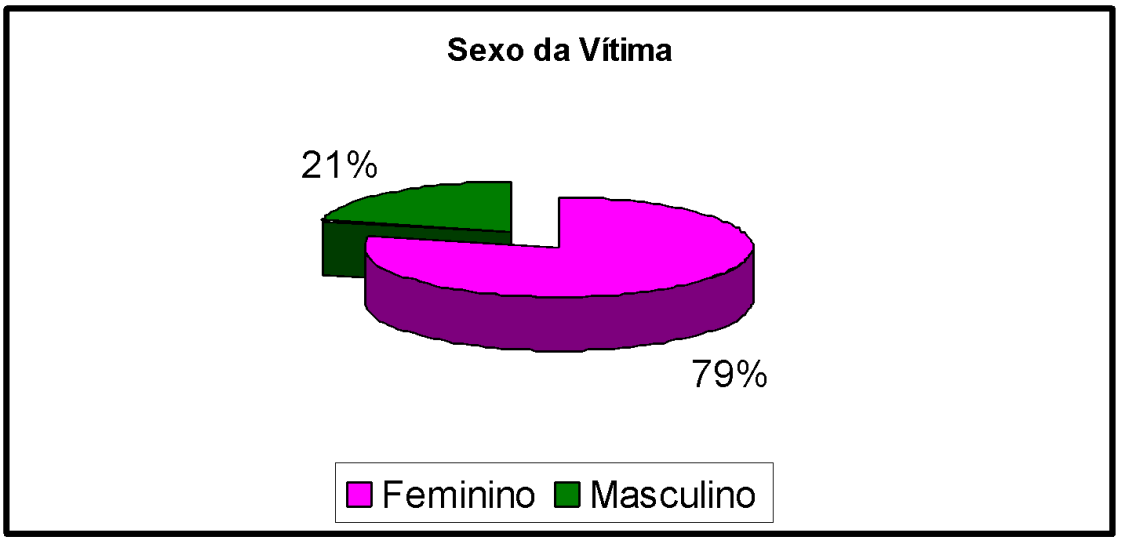
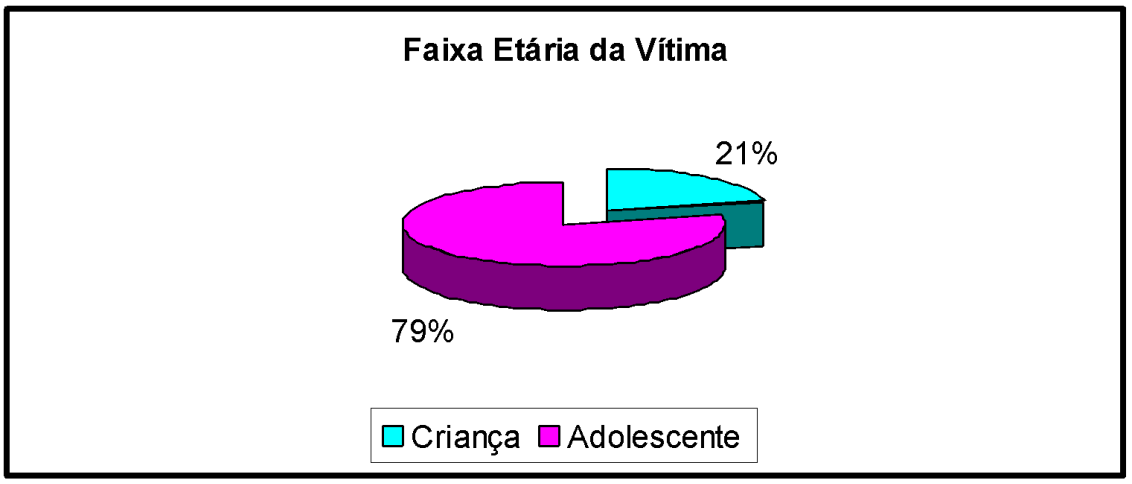


Gráfico 5



MITOS E FATOS SOBRE VITIMIZAÇÃO SEXUAL[23]

Mito provém do grego *mythos,* significando “fábula”. É uma narração fabulosa ou heróica ocorrida em tempo muito remoto, onde intervêm tanto seres sobrenaturais, os deuses, como seres não-existentes, gigantes ou animais fantásticos, além de seres humanos com capacidade sobre-humanas, os heróis (Charam, 1997).

O mito não é simples coleção de histórias maravilhosas ou divertidas, como acontece nos contos de fadas e no folclore; está em relação com a realidade, que subentende constantemente.

O mito da família como um “bom meio natural” encobre uma verdadeira ditadura familiar, permitindo, desta forma, que a família incestogênica se perpetue imune e intacta a intervenções externas.

Há muitos mitos ou crenças sobre incestos pai-filha/avô-neta que são cada vez mais intensamente confrontados por fatos e verdades científicas esclarecedoras, tais como:

1. **A VITIMIZAÇÃO SEXUAL É RARA.**

Verdade: Pesquisas recentes indicam que uma em cada quatro a cinco meninas e um em cada seis a 10 meninos serão vítimas de abuso sexual até a idade de 18 anos.

2. **AS CRIANÇAS MENORES DE 10 ANOS ESTÃO A SALVO.**

Verdade: mais de um terço das notificações envolvem crianças de cinco anos ou menores.

---

[23] BRAUN, Suzana. A violência sexual infantil familiar: do silêncio à revelação. 2002, p.86, 87, 88, 89, 90

Das 50 vítimas de violência sexual doméstica, 30%estão na faixa etária de dois a nove anos, sendo que de cinco a nove anos correspondem a 20% e de dois a quatro anos, 10%.

3. **SE AS CRIANÇAS FOREM ENSINADAS A EVITAR ESTRANHOS PERIGOSOS, ELAS NÃO SERÃO SEXUALMENTE VITIMIZADAS.**

Verdade: 85-90% dos agressores são conhecidos da criança. Qualquer adulto ou criança mais velha pode ser um agressor sexual.

Vítima	Idade anos	Agressor sexual
L. A. D	2	Pai
L.S.A	7	Padrasto
T.C.A	7	Tio
L.S.F	8	Irmão
D.L.S.A.S	8	Avô
M.O.S.M	13	Cunhado

4. OS AGRESSORES SÃO HOMENS VELHOS, VIOLENTOS, ALCOÓLATRAS E DESEMPREGADOS. SÃO SEXUALMENTE DEPRAVADOS, HOMOSSEXUAL, RETARDADOS OU LOUCOS.

Verdade: Geralmente os agressores parecem normais, sob vários aspectos. Os crimes sexuais têm sido cometidos em todos os níveis sócio-econômicos e em todos os grupos raciais, religiosos e étnicos. Crianças são vitimizadas no campo e na cidade. A maioria dos agressores sexuais são homens heterossexuais e têm acesso a relações sexuais com adultos.

P.R.AC., 29 anos, profissão de ajudante de produção, ausência de diagnóstico sobre deficiência mental e psicose. Vitimizou sexualmente os filhos M. e I. de dois e quatro anos, respectivamente.

3. **SE UMA CRIANÇA "CONSENTE", É PORQUE DEVE TER GOSTADO. SE NÃO DIZ "NÃO", É PORQUE NÃO É ABUSO.**

Verdade: vitimização sexual nunca é culpa ou responsabilidade da criança. O agressor sexual tem inteira responsabilidade pelo crime, qualquer que seja a forma por ele assumida. Muito abuso se dá sem uso da força física.

4. **A VITIMIZAÇÃO SEXUAL COSTUMA SER UM ÚNICO ATO VIOLENTO QUE ENVOLVE CONJUNÇÃO CARNAL.**

Verdade: A vitimização sexual pode incluir telefonemas obscenos, exposição de genitais ou seios, mostrar a uma criança materiais pornográficos, práticas de atos libidinosos (incluindo masturbação), relações (ou tentativas) sexuais orais/anais/vaginais e exploração da criança através de prostituição e/ou produção de pornografia.

A.S*. oito anos, relatou que o pai o levava para passar o final de semana com ele e ficava mostrando revistas pornográficas e se masturbando na sua frente. Também costumava mexer no seu bumbum com o dedo. Segundo a mãe, que não sabia que o pai fazia isso, conta que desde os três anos o filho reclamava de assaduras no bumbum.

7. SE OS AGRESSORES SÃO DETIDOS E PROMETEM PARAR, GERALMENTE O FAZEM.

Verdade: os agressores quase nunca procuram um tratamento para parar o abuso voluntariamente. Eles podem parar de vitimizar uma dada criança, mas logo podem fazer o mesmo contra outra. A vitimização quase sempre continua de um modo ou de outro, a menos que o agressor esteja em tratamento em alguma instituição especializada.

* Caso acontecido na cidade de Boa Vista-RR, revelado em 2004.

8. A MAIORIA DAS CRIANÇAS ESQUECERÁ A VITIMIZAÇÃO, DESDE QUE OS ADULTOS NÃO AS RELEMBREM.

Verdade: Crianças não costumam esquecer. Podem tentar ocultar seu sofrimento, sua confusão e seu ódio porque acreditam que os adultos não querem ouvir falar nisso. Elas podem interpretar o silêncio adulto como censura ou raiva. É muito importante que a vítima, o agressor e o pai (mãe) não agressor recebam tratamento terapêutico especializado.

D.S.G., 14 anos, diz que (...) não se lembra a data, sabe apenas que há dois anos foi vítima de estupro, oportunidade em que seu pai, sempre à noite, a forçava à prática de sexo, não sendo esta a única vez (...) Quando tinha cinco a seis anos seu pai a agarrava, tirava sua roupa e a forçava à pratica de sexo (...) com sete anos pegou uma doença venérea.

9. CRIANÇAS NÃO SÓ REVELAM "O SEGREDO" SE TIVEREM SIDO AMEAÇADAS COM VIOLÊNCIA.

Verdade: Crianças podem não falar por medo de violência contra si ou contra alguém que amam. Elas também não contam quando temem censura e temem acarretar ruptura da família.

K.G.P., oito anos, vitimizada sexualmente pelo padrasto, que a ameaçava caso contasse para alguém o ocorrido (...). Ele dizia que ia cortá-la com um facão.

10. FALAR SOBRE "TOQUE" E VITIMIZAÇÃO SEXUAL FARÁ COM QUE PAIS E FILHOS SE SINTAM DESCONFORTÁVEIS EM RELAÇÃO AO AFETO NORMAL.

Verdade: Todas as pessoas necessitam de contatos físicos. Abuso sexual não deve ser confundido com contatos entre um adulto e uma criança que estiverem expressando amor. Contatos sexualmente abusivos são em benefício do agressor, não da criança.

11. CRIANÇAS INCENTIVAM HISTÓRIAS DE VITIMIZAÇÃO SEXUAL

Verdade: Crianças raramente inventam histórias de vitimização sexual. Crianças geralmente falam a partir de sua própria experiência e não podem fabricar informação, a menos que tenham sido expostas a ela**.**

F.L.S.G., nove anos, vitimizada sexualmente, pelo padrasto: (...) ele tirou o pênis fora do calção e colocou no meio das minhas pernas.

M.R.L.S., 39 anos, mãe de F.L.S.G., conforme oitiva, diz que F. revelou o fato à declarante. Para verificar a veracidade das informações, pediu para que F. tocasse no assunto com o padrasto, enquanto ela permanecia escondia para observar as reações do companheiro.

12. MEU (MINHA) FILHO (A) JAMAIS SERÁ SEXUALMENTE VITIMIZADO.

Verdade: Todas as crianças são vulneráveis à vitimização sexual devido à sua inocência, confiança nos adultos, tamanho, vontade de agradar e necessidade de afeto.

E.M.P.S. foi a delegacia e declarou que sua filha T.S.P. 15 anos, tem sido vítima de abuso sexual pelo seu marido. A declarante ficou sabendo através de uma denúncia do Conselho Tutelar que o fato está acontecendo há seis anos.

Roteiro do Programa *Comunicação no Ar*